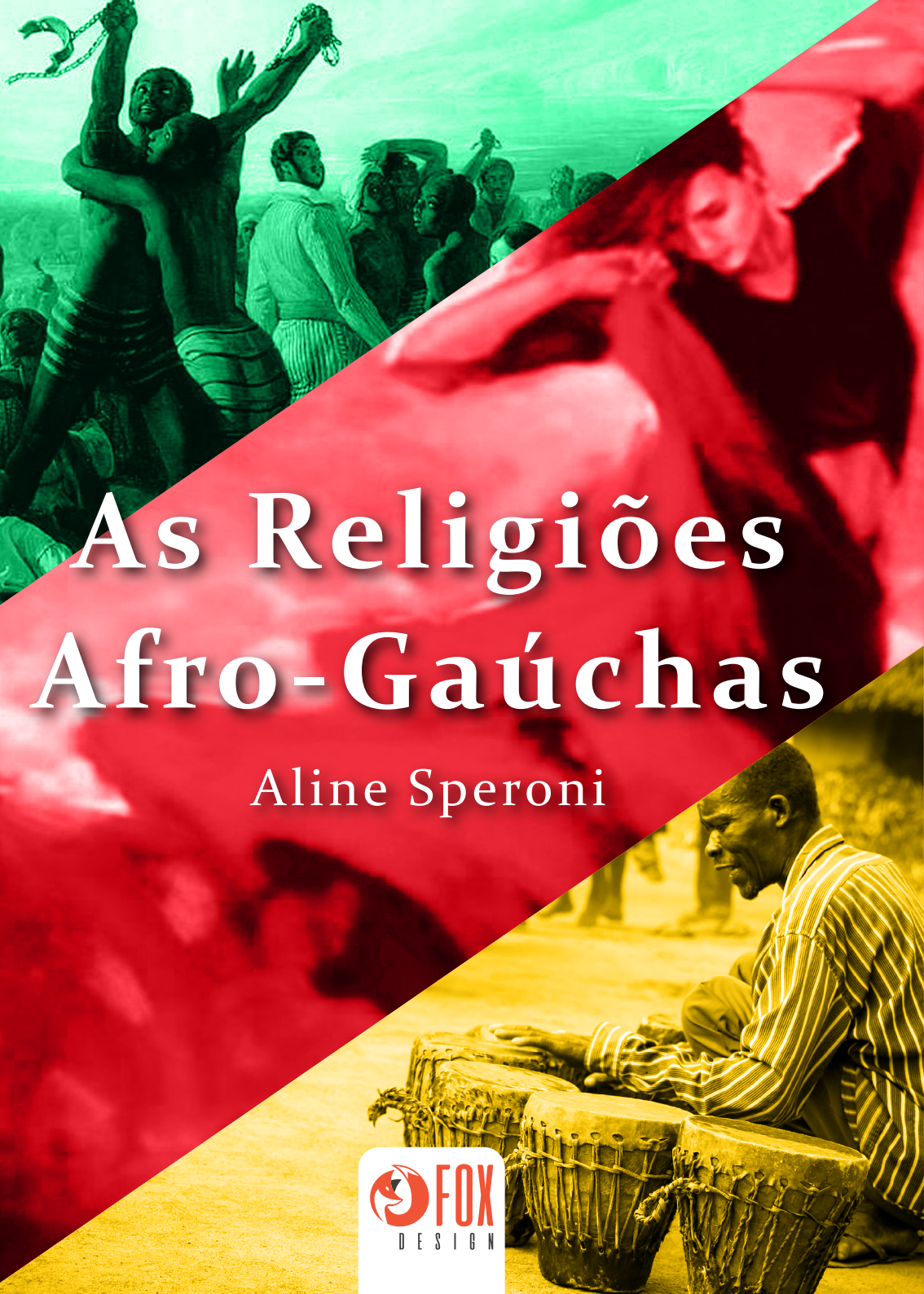




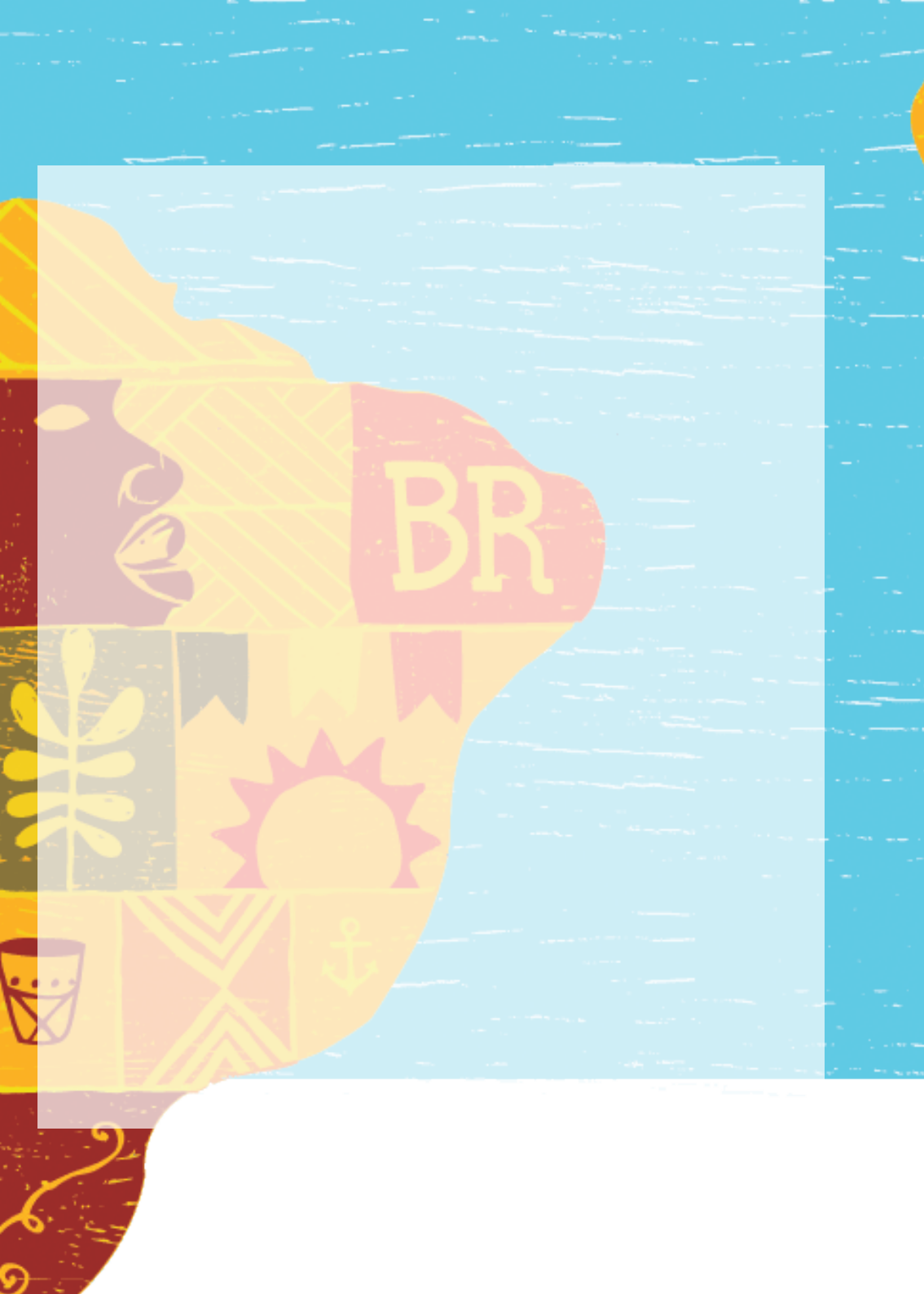
As Religiões Afro-Gaúchas

Aline Speroni

As Religiões Afro-Gaúchas

Aline Speroni





SUMÁRIO

Lista de Tabelas.....	04
Lista de Figuras.....	05
Capítulo 1 - ESCRAVIDÃO NO BRASIL.....	08
Capítulo 2 - OS POVOS ESCRAVIZADOS.....	11
Capítulo 3 - DA ÁFRICA PARA O BRASIL.....	15
Capítulo 4 - OS AFRICANOS NO RIO GRANDE DO SUL.....	19
Capítulo 5 - BATUQUE.....	25
Nações.....	28
Cosmovisão Africana.....	31
Iniciação.....	35
Orixás.....	38
Capítulo 6 - UMBANDA.....	50
Linhas.....	53
Divindades Africanas Dentro da Umbanda.....	56
Pretos-velhos.....	58
Caboclos.....	61
Bejis.....	66
Capítulo 7 - LINHA CRUZADA.....	68
Exus.....	72
Pombagiras.....	77
REFERÊNCIAS.....	80
Dissertações e Teses.....	80
Livros.....	80
Artigos.....	82
Disponíveis na Internet.....	83
Links Imagens.....	87

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Desembarque de africanos no Brasil 1531- 1855.....	09
Tabela 2 – Línguas Banto.....	13
Tabela 3 – Leis.....	14
Tabela 4 – Religiões Sudanesas, Banto, Brasileiras	17
Tabela 5 – Tipos de escravos	20
Tabela 6 - Origem dos africanos escravizados introduzidos no Rio Grande do Sul (1802-1803).....	23
Tabela 7 – Quantidade de casas por nação.....	26
Tabela 8 – características do Batuque.....	26
Figura 9 - O mito da criação.....	34
Tabela 10 - Orixás do Batuque do Rio Grande do Sul.....	39
Tabela 11 - Elementos de Bará	40
Tabela 12 - Elementos de Ogum.....	41
Tabela 13 - Elementos de Iansã	42
Tabela 14 - Elementos de Xangô	42
Tabela 15 - Elementos de Ibeji	43
Tabela 16 - Elementos de Obá	44
Tabela 17 - Elementos de Odé/Otim	45
Tabela 18 - Elementos de Ossanha	46
Tabela 19 - Elementos de Xapanã	46
Tabela 20 - Elementos de Oxum	47
Tabela 21 - Elementos de Iemanjá	48
Tabela 22 - Elementos de Oxalá	49
Tabela 23 - Características da Umbanda	54
Tabela 24 - Entidades africanas cultuadas na umbanda gaúcha.....	56
Tabela 25 - Pretos-velhos e caboclos cultuados no Rio Grande do Sul.....	57
Tabela 26 - Elementos de Preto velho	60
Tabela 27- Elementos de Caboclo	65
Tabela 28 - Elementos de Bejis	67
Tabela 29 – Exus e Giras celebrados na Linha Cruzada gaúcha.....	71
Tabela 30 – Exu.....	73
Tabela 31 - Elementos de Exu.....	75
Tabela 32 - Elementos de Pombagira.....	78

Lista de Figuras

Capa capítulo 1 – A Escravidão.....	08
Figura 2 – O Tráfico Negreiro (séculos XVI – XIX).....	09
Figura 3 – Mapa do Continente Africano.....	10
Capa capítulo 2 – Os Povos Escravizados.....	11
Figura 5 – Etnias Africanas.....	12
Capa capítulo 3 – Povos Africanos.....	15
Figura 7 – Os Reinos Iorubás.....	16
Figura 8 – Festa.....	18
Capa capítulo 4 – Tropeiros, Negros e Brancos.....	19
Figura 10 – Debret e a Representação do Cotidiano Escravo.....	21
Figura 11 – Escravos nas Charqueadas.....	22
Figura 12 – Charqueadas Gaúchas.....	22
Figura 13 – Príncipe Custodio.....	24
Capa capítulo 5 – Batuque.....	25
Figura 15 – Mapa do Estado do Rio Grande do Sul.....	27
Figura 16 – Os Orixás.....	28
Figura 17 – A Capoeira.....	29
Figura 18 – Borges de Medeiros.....	30
Figura 19 – Crianças.....	31
Figura 20 – Cosmovisão Africana.....	32
Figura 21 – Tambor de Religião.....	35
Figura 22 – Orixá Bará.....	40
Figura 23 – Orixá Ogum.....	41
Figura 24 – Orixá - Iansã.....	42
Figura 25 – Orixá Xangô.....	43
Figura 26 – Orixá Ibeji.....	44
Figura 27 – Orixá Obá.....	44
Figura 28 – Orixá Odé/ Otim.....	45
Figura 29 – Orixá Ossanha.....	46
Figura 30 – Orixá Xapanã.....	46
Figura 31 – Orixá Oxum.....	47
Figura 32 – Orixá Iemanjá.....	48
Figura 33 – Orixá Oxalá.....	49
Capa capítulo 6 – Gira de Umbanda.....	50
Figura 35 – Bandeira da Umbanda.....	51
Figura 36 – Linhas da Umbanda.....	53
Figura 37 – Cerimônia da Umbanda.....	55
Figura 38 – Gira da Umbanda.....	56
Figura 39 – Pretos e Pretas Velhas.....	57

Figura 40 - Caboclo.....	57
Figura 41 - Preto e Preta Velha.....	58
Figura 42 - Preto Velho.....	59
Figura 43 - Caboclo Tupinamba.....	61
Figura 44 - Cabocla Jurema.....	62
Figura 45 - Caboclo Velho.....	64
Figura 46 - Bejis.....	66
Capa capítulo 7 - Pombagira.....	68
Figura 48 - Exu e Gira.....	69
Figura 49 - Exu.....	74
Figura 50 - Gira.....	78

Apresentação

A Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, torna obrigatório o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira nas escolas públicas e particulares brasileiras, no ensino fundamental e médio. Essa obrigatoriedade busca corrigir a ausência destes conteúdos no cotidiano da sala de aula e proporcionar uma maior profundidade na sua abordagem. Também intenciona minimizar, por meio da educação, as ações de intolerância étnica que se sucedem na sociedade.

Para o cumprimento da Lei e o desenvolvimento de um ensino de qualidade sobre a temática proposta torna-se necessária a produção de recursos didáticos, que sejam capazes de promover o entendimento da cultura africana e afro-brasileira. Neste sentido, o trabalho *As Religiões Afro-Gaúchas*, da historiadora Aline Speroni, busca, por meio da valorização da religiosidade de matriz africana no Rio Grande do Sul, inserir o debate sobre a promoção da tolerância religiosa e étnica na sala de aula.

O material paradidático elaborado pela autora explora o universo religioso das correntes mais cultuadas no estado gaúcho, permitindo ao estudante a compreensão das ideias e dos ritos do sagrado na Umbanda, no Batuque e na Linha Cruzada. Por meio da didatização de textos acadêmicos, Speroni constrói uma abordagem dos aspectos religiosos que permitem, ao aluno da educação básica, uma compreensão da cultura religiosa de matriz africana desenvolvida no Rio Grande do Sul. Além do texto, diversas imagens estão disponibilizadas no paradidático, permitindo uma visualização das referências religiosas africanas.

Este recurso busca a ampliação da discussão e do entendimento sobre o tema, instrumentalizando docentes e discentes no enriquecimento das suas informações sobre estas manifestações religiosas. Intencionando, assim, que este conhecimento seja o promovedor de possibilidades de consolidação de tolerância religiosa e étnica.

Cristine Fortes Lia

CAPÍTULO I

ESCRavidÃO NO BRASIL



A escravidão que ocorreu no Brasil durante séculos, deixou muitas marcas, ainda hoje se pode perceber os resquícios de um passado sangrento, talvez hoje possamos chamar essas marcas de intolerância e racismo. O tráfico de escravos transatlântico escravizou nas Américas milhares de pessoas. No Brasil o tráfico de escravos iniciado em meados do século XVI

trouxe pessoas de várias regiões da África, aproximadamente cerca de 10 a 20 milhões de africanos para a América. Para o Brasil, segundo estimativas do historiador Klein calcula-se cerca de quatro milhões de indivíduos entre os anos de 1531- 1855, conforme podemos verificar na tabela 1.

Os dados expostos são estimados, pois os números reais provavelmente jamais serão conhecidos.

De acordo com o mapa, as principais rotas do tráfico negroire estavam localizadas em três posições geográficas. África ocidental, África centro-ocidental e África Austral, povos das regiões que hoje compreendem os povos do Sudão, Costa do Ouro e Costa do Marfim bem como a região do Congo, onde estão os povos Angola, Cabinda, Benguela entre tantos outros que tem a sua presença registrada na nossa história.

Esses povos africanos trazidos para o Brasil dividem-se em dois grandes grupos, ambos denominados pela

PERÍODO	NÚMERO DE AFRICANOS
1531 - 1600	50.000
1601 - 1700	560.000
1701 - 1800	1.680.100
1801 - 1855	1.719.300
TOTAL	4.009.400

Tabela 1 - Desembarque africano no Brasil 1531-1855
FONTE: organizada a partir de tabelas elaboradas por Klein. Tráfico de escravos.
In: Estatísticas históricas do Brasil. Rio de Janeiro, IBGE, 1987. (Apud Cotrim, 2002, p. 218)

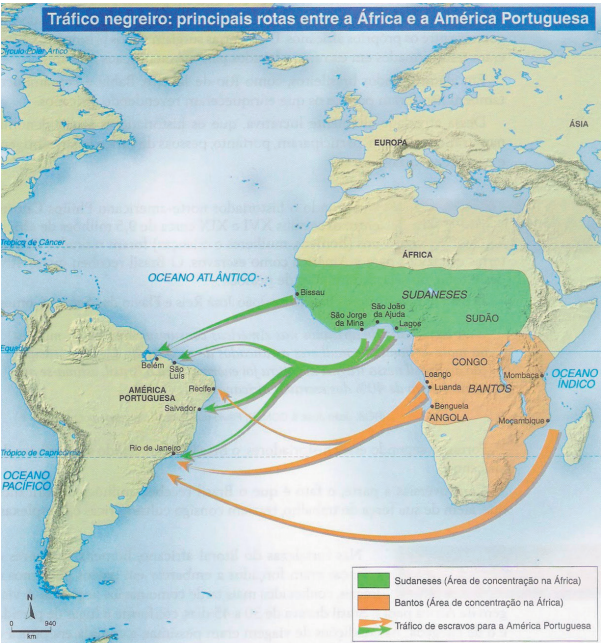


Figura 2 - Tráfico negroire

posição geográfica, os sudaneses localizados no centro/norte e os Bantos ao sul do continente africano recebendo ainda essa denominação pela sua variedade lingüística.

Abaixo, imagem do continente africano dividindo os povos para facilitar o entendimento:

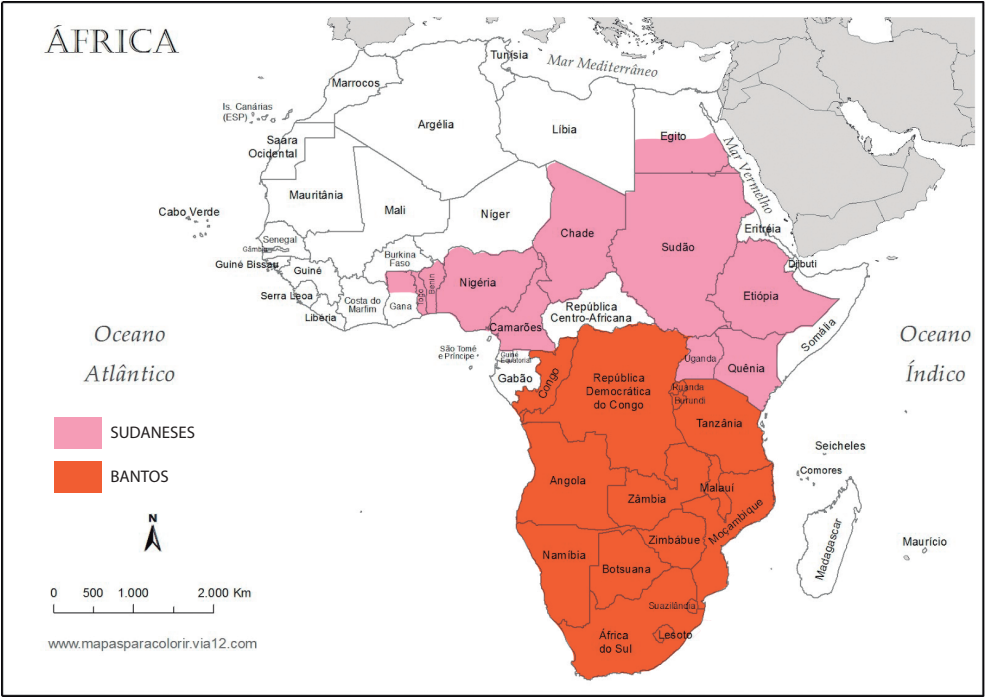


Figura 3 – Mapa do continente africano (mapa adaptado pela autora)

CAPÍTULO II

OS POVOS ESCRAVIZADOS



As tribos Sudanesas constituem os povos que hoje correspondem às regiões do Sul do Egito, Chade, Sudão, Etiópia, Uganda, Nigéria, Camarões, Gana, Togo, Benin e do Quênia até o norte da Tanzânia, (PRANDI, 2000; SILVA, 1994; CORREA, 2006). Os sudaneses chegaram ao Brasil em meados do século XVIII até a metade do século XIX. Hoje são conhecidos popularmente como lorubás ou Jejes-nagô (devido à mescla de suas culturas religiosas). Estão subdivididos em etnias: Ijexá, Egbá os Jejes (Ewe e Fon) e os Fanti-achantis. Ainda inclusos nas tribos sudaneses, estão os povos que foram islamizados que estavam localizados na costa do Saara conhecidos como povos Mina divididos em Haussás, Grúncis, Tapas, Mandingos, Fântis, Achântis Peuls, Fulas e também os chamados de Mina (PRANDI, 2000; SILVA, 1994).



Figura 5 – Etnias africanas

Os Bantos, conforme Ramos (1943) correspondem aos povos mais ocidentais, atualmente correspondem aos países da Angola, Zâmbia, Namíbia, Botsuana, África do Sul, Lesoto, Congo, Malaui, Zimbábue, Moçambique e sul da Tanzânia. Espalharam-se por todo o litoral brasileiro, mas permaneceram em maior número em Minas Gerais e Goiás. Sua vinda teve início em fins do século XVI até

O quilombo brasileiro é, sem dúvida, uma cópia do quilombo afro-banto reconstruído pelos escravizados para se opor a estrutura escravocrata, pela implantação de outra estrutura política na qual se juntaram todos os oprimidos.

(MUNANGA, 2012, p. 93)

o fim do século XIX, ou seja, foram os primeiros a chegar. Calcula-se que os povos Bantos tenham vindo em maior número que os sudaneses e assim que chegaram deram os primeiros passos para reconstrução dos “quilombos” (PRANDI, 2000; SILVA, 1994).

Os povos bantos eram considerados mais fortes fisicamente, mas pouco capazes para tarefas mais sofisticadas (CORREA, 2006; RODRIGUES, 1932). Assim, eram encaminhados para os trabalhos da agricultura, enquanto os sudaneses realizavam as tarefas em obras e centros urbanos. Os bantos possuíam uma grande diversidade lingüística, acredita-se que podiam falar aproximadamente de setecentas a duas mil línguas/dialetos. No Brasil, encontram-se resquícios das línguas quimbundo, quicongo e umbundo (PRANDI, 2000; SILVA, 1994). A exemplo da diversidade lingüística.

Vamos conhecer algumas das línguas africanas?

AJAUÁ: Moçambique, Malaui e Zimbabué;

GANGUELA: Fronteira leste de Angola e oeste da Zâmbia;

CUANHAMA: Sudoeste africano, Angola, Namíbia;

IACO: Arango-casai, Zaire;

MACUA: Moçambique;

QUICONGO: Congo, Cabinda e Angola;

QUIMBUNDO: Angola;

QUINGUANA: Zaire;

QUIOCO: Nordeste da Angola;

RONGA: Moçambique e Zimbabué;

SAILE: Tanzânia, Zanzibar e Moçambique;

SUTO: África do Sul; **TONGA:** Moçambique e Zimbabué;

XONA: Moçambique, Zimbabué e Botsuana;

UMBUNDO: Angola abaixo do rio Cuanza e na região de Benguela.

Tabela 2 - Língua Banto (LOPES, 1998)

Durante o período escravista, muitas foram às leis criadas na tentativa de inibir o tráfico de escravos, mas a cada lei criada o sistema continuava a vigorar.

Vamos conhecer algumas das leis criadas?

- Também, conhecida como Lei Eusébio de Queiróz a Lei nº 581 de 04 de setembro de 1850 – “Estabelece medidas para a repressão do tráfico de africanos neste Império”.
- A Lei nº 2.040 de 28 de setembro de 1871 chamada de lei do Ventre livre – “Declara de condição livre os filhos de mulher escrava que nascerem desde a data desta lei, libertos os escravos da Nação e outros, e providencia sobre a criação e tratamento daquelles filhos menores e sobre a libertação annua de escravos...”.
- Lei nº 3270 de 28 de setembro de 1885 - mais conhecida como lei dos sexagenários, libertava todos os escravos com mais de 60 anos de idade
- Por fim e mais importante a lei áurea a qual libertou todos os escravos no Brasil. Lei nº 3.353 de 13 de maio de 1888 – “Declara extinta a escravidão no Brasil”.

Tabela 3 - Leis

CAPÍTULO III

DA ÁFRICA PARA O BRASIL



Na África os povos mantinham-se divididos em tribos, com características e organização própria. Cada grupo possuía sua cultura e crença, e muitas vezes até seu próprio dialeto. As cidades eram autônomas governadas por um Obá ou rei.

Entre os iorubás o último grande império foi o da cidade de Oiô, a que estavam submetidas à maioria das demais cidades. Destas cidades, duas ocupam papel especial na memória da cultura religiosa que se reproduziu no Brasil: Oiô, a cidade de Xangô, e Ketu, cidade de Oxóssi, além de Abeokutá, centro de culto a Iemanjá, e Ilexá, a capital da subetnia ijexá, de onde são provenientes os cultos a Oxum e Logun-Edé. As inúmeras variantes culturais locais, tanto no caso dos bantos como dos iorubás ou nagôs, não sobreviveram como unidades autônomas e muitas foram totalmente perdidas no Brasil. Diferenças específicas foram apagadas, amalgamando-se em grupos genéricos conhecidos como jejes, nagôs, angola, etc. (PRANDI, 2000, p. 54).

Em terras brasileiras os povos africanos criaram um mundo afro-brasileiro com ressignificações e recriação de valores, variadas adaptações da religiosidade e resistências para a perpetuação de sua cultura (FERREIRA FILHO, 2008). No Brasil a forma encontrada para cultivar suas divindades sem a repressão dos seus senhores, os africanos passaram a adorar imagens do culto cristão para mera ilustração, ou seja, encontraram nos santos católicos um sincretismo, pois para viver no Brasil independente de sua condição era necessário ser católico. (PRANDI, 2013)

Somente com a república que o Brasil passou a ser um estado laico, antes disso, a condição de ser católico era essencial para ser aceito. Os africanos já enfrentavam muitas dificuldades com a condição de escravos e a religião era um “conforto” onde aos sons dos tambores podiam ter um pouco de diversão, recriavam altares com imagens de santos católicos para ludibriar seus senhores que acreditavam

Para Prandi “A umbanda (religião afro-brasileira) é chamada de “a religião brasileira” por excelência, num sincretismo que reúne o catolicismo branco, a tradição dos orixás da vertente negra e símbolos e os espíritos de inspiração indígena, contemplando as três fontes básicas do Brasil mestiço.

(PRANDI, 2003, p.15)



Figura 7 - Os reinos iorubás

nos improvisados alterares católicos enquanto os escravos festejavam a sua religiosidade (FERREIRA FILHO, 2008. S/p).

As recriações religiosas foram acontecendo no decorrer do tempo, a cultura dos povos Bantos e Sudanese foram deixando as suas marcas em nossa história. A herança religiosa que ainda é preservada originou variadas adaptações no Brasil, que

englobam o que hoje chamamos de religiões de matriz africana. Conforme tabela 4 estão as religiões derivadas das culturas africanas, e as que surgiram a partir delas, ou seja, as de influência sudanesa que tinha como seus deuses os Orixás e os povos bantos que cultuavam os Inque (SILVA, 1994, p. 69) .

SUDANESES	BRASILEIRAS	BANTOS
Candomblé queto (BA, RJ, SP)	Candomblé angola (BA, RJ, SP)	Pajelança (AM, PA, MA)
Xangô (PE)	Candomblé de caboclo (BA)	Catimbó (PE, PB)
Batuque (RS)	Cabula (ES) (Sex. XIX)	Xambá (AL, PB, PE)
Candomblé jeje (BA)	Macumba (RJ e SP)	Toré (SE)
Tambor-de-mina (MA e PA)	Umbanda (Brasil)	
Babassuê (PA)		

Tabela 4 – Religiões Sudaneseas, Bantos e Brasileiras. (SILVA, 1994, p. 98)

Sobre a religião dos índios “hoje em dia é muito difícil reconstituir o que teriam sido as religiões originais desses índios. Pelas poucas informações que se tem, e comparando-as com as práticas atuais dos grupos que sobreviveram, podemos apenas ter uma idéia das características básicas dessa religiosidade. Seu ponto central era o culto a natureza deificada. O Pajé e o feiticeiro ou o xamã eram os que tinham acesso ao mundo dos mortos e dos espíritos da floresta, e geralmente a eles competia realizar rituais de cura de doenças, expulsar os maus espíritos que se alojavam nos corpos das pessoas e desfazer feitiços mandados pelos inimigos”

(SILVA, 1994, p. 24)

As chamadas religiões de matriz africana são as que preservam mais características africanas, enquanto, as afro-brasileiras nascem a partir de características e sincretismos de outras culturas religiosas da matriz, mas também com elementos do culto indígena.

Essas variações ocorreram pela união de conhecimento de diversas tribos, pois ao serem escravizadas foram espalhadas, divididas para que não houvesse revoltas, não podendo assim, praticar a sua religião materna. Com isto tornou-se necessário a criação de práticas acessíveis a variados credos de origem africana. As mais variadas etnias foram se adaptando e recriando formas para que elementos da cultura religiosa não se perdesse

com o tempo (CORREA, 2006; PRANDI, 2000; SILVA, 1994).

Apesar da forma desumana em que os povos africanos chegaram ao Brasil eles trouxeram elementos de sua cultura e de suas vidas cotidianas, não apenas trouxeram, mas aos poucos foram adaptando ao seu dia a dia. Podemos afirmar, que contribuíram muito para a formação cultural de nosso país em diversas áreas.

“Os africanos provenientes da região do golfo do Benin puderam dar continuidade aos cultos dos antigos voduns e orixás, semelhantes aos dos atuais habitantes do sul do Daome e sudeste da Nigéria. As especialidades culinárias da Bahia levam, ainda, nomes pertencentes ao vocabulário iorubá e daomeano. No resto do Brasil, por outro lado, são mais aparentes as influências banto do Congo e Angola.

A permanência visível de costumes africanos na cultura baiana pode ser explicada, em parte, pela concentração, o último século da escravidão, de africanos de uma mesma procedência da África nesta região do Brasil. Enquanto, no Rio de Janeiro desembarcavam africanos de todas as nações, muitas vezes inimigos uns dos outros, na Bahia chegavam escravos Jejes (daomeanos), Ussás e Nagôs provenientes da Costa da Mina, que mantinham identidades culturais e eram unidos entre si” (VERGER, 1987).



Figura 8 - Festa

CAPÍTULO IV

OS POVOS AFRICANOS NO RIO GRANDE DO SUL



Aos serem espalhados pelo território brasileiro, muitos escravos chegaram ao Rio Grande do Sul, criando novas raízes e desenvolvendo meios para adaptar-se. Contribuíram de forma "significativa em todos os momentos da fundação e do desenvolvimento da sociedade sulina" (MAESTRI, 2012, p. 334)

No Rio Grande do Sul, os primeiros escravos chegaram antes de 1737, entre os séculos XVIII – XIX, data de ocupação oficial do Rio Grande do Sul, com a fundação do forte Jesus-Maria-José na Barra, onde hoje é a cidade de Rio Grande pelo brigadeiro José da Silva Paes servindo inicialmente para construção e fortificação da mão de obra escrava. (ORO, 2002; MAESTRI, 1993; PESAVENTO, 2011; LEISTNER, 2014; SIVEIRA, 2014). No entanto;

Conforme Moura (2004) Os escravos africanos dividiam-se em:

Domésticos – realizavam as tarefas caseiras;

De ganho – exerciam funções remuneradas o qual todo o pagamento recebido era entregue a seu patrão;

De aluguel – eram alugados a terceiros e desempenhavam diversos tipos de trabalhos, estes ficavam sujeitos a todos os tipos de castigos; De eito – estes desenvolviam as atividades agrícolas.

Além das divisões relacionadas ao local onde desenvolviam suas tarefas é necessário o entendimento sobre as formas com eram chamados após a sua chegada: Boçal – era considerado o recém chegado da África;

Ladino – o que já compreendia o língua e a rotina de trabalho, vindos de outras regiões do Brasil;

Crioulos - Os que nasceram no Brasil.

Tabela 5 - Tipos de escravos (tabela adaptada pela autora)

Conforme Oro,

"A historiografia do Rio Grande do Sul ainda se debate em torno da questão de saber a procedência do negro escravo trazido para este estado. Há, no entanto, algum consenso de que essa população se dividia entre negros "crioulos", ou seja, indivíduos nascidos no Brasil e para aqui transferidos, "ladinos", isto é, indivíduos que já haviam trabalhado em outras regiões do país, e africanos, aqui chegados após terem passado por algumas regiões brasileiras, entre elas, Bahia, Pernambuco, São Paulo, Santa Catarina, e mesmo africanos que chegaram ao Rio Grande do Sul provenientes da Argentina e do Uruguai "(ORO, 2002, p. 348).

Há muitos registros sobre a origem dos escravos no entanto "a dificuldade em saber a procedência dos escravos se dá em partes pela ordem de Rui Barbosa quando, em 1890, mandou queimar todos os tipos de documentos relacionados à escravidão para por um as reivindicações dos ex-escravistas" (MAESTRI, 1993; KLOPPENBURG, 1961).

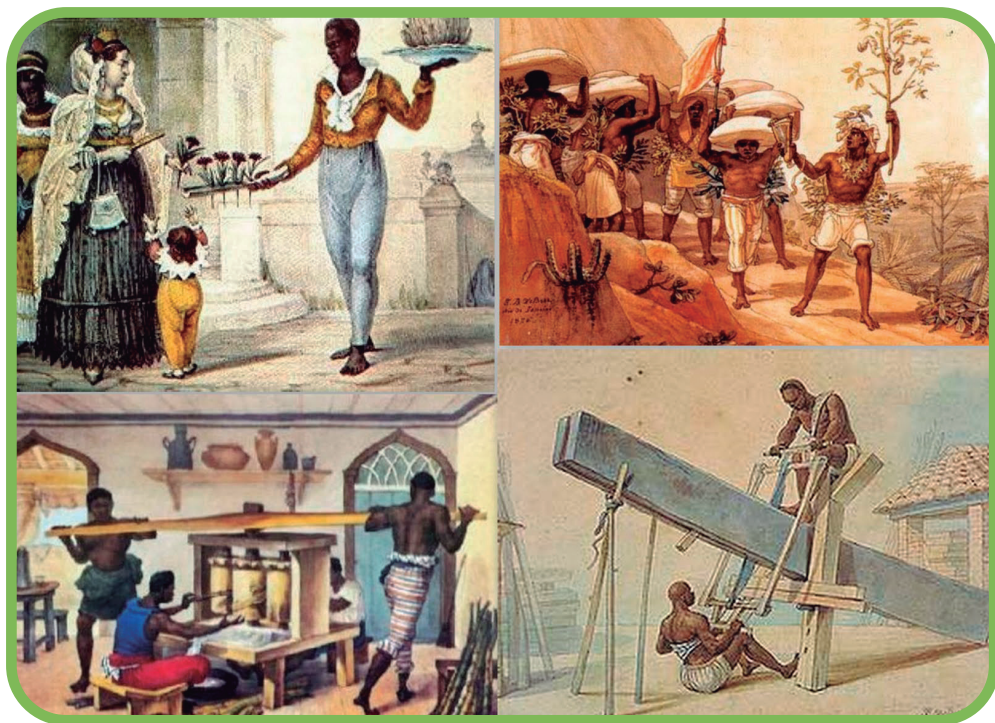


Figura 10 - Debret e a representação do cotidiano escravo

Os escravos chegados ao Rio Grande do Sul entre os séculos XVIII e XIX eram em maior proporção os chamados de “crioulos”, isto é, os nascidos no Brasil. Os que haviam chegado recentemente da África eram chamados de novos ou de nação. Após viverem algum tempo no Brasil aprendiam a falar com grandes dificuldades o português, e então passavam a ser chamados de ladinos. Conforme Maestri (1993) os africanos chegados no Rio Grande do Sul deviam ser provenientes da rota Rio-Angola já que o Rio de Janeiro era o porto negreiro mais próximo do território gaúcho, porém, isso não significa que não tenham chegado ao sul quantidades significativas de africanos de outras regiões advindas da África.

Conforme a tabela 6, podemos perceber a grande população angolana e Benguela que compunha os africanos escravizados neste estado. O grande percentual de escravos dessas origens nos leva a concluir uma maior população escrava de origem Banto, contudo, encontramos ainda a incidência de povos mina no estado.

Mesmo com o grande percentual de escravos de origem Banto neste estado conforme tabela 6, os povos bantos não chegaram a estruturar a sua cultura como outras tradições, porém, deixaram um grande legado civilizatório bem como muitas palavras de seu idioma as quais foram agregadas a língua portuguesa. (SILVEIRA, 2014, p. 50)

Em 1780 com a produção de charque, solidificou-se um pólo escravista no estado, registrando assim a vinda de um maior número de escravos (MAESTRI, 1993). De acordo com Correa, "O negro construiu no mínimo as bases da econo-

mia rio-grandense. A grandeza e o luxo dos prédios de Pelotas são testemunho, ainda hoje, do volume de dinheiro que jorrava das charqueadas locais" (CORRÊA, 2006, p. 41). Na economia gaúcha, os escravos desempenharam importante contribuição para o desenvolvimento do estado. Realizavam desde trabalhos domésticos até os mais pesados nas



Figura 11 - Escravos nos charques



Figura 12 - Charqueados Gaúchos

charqueadas e agricultura. Conforme Maestri (2012, p. 344) as charqueadas eram quase penitenciárias, onde os cativos trabalhavam dezesseis horas sob a ponta do chicote dos capatazes, nas pequenas interrupções para “descanso” recebiam pequenas canecas com água ardente.

A chegada de escravos deu início também ao processo de desenvolvimento afro-religioso do Rio Grande do Sul. O Batuque, ou nação, teria se desenvolvido entre os anos de 1833 – 1859 na cidade de Rio Grande e posteriormente em Pelotas sendo a expressão mais africana das religiões afro-brasileiras que se solidificariam no estado. Acredita-se que o maior divulgador do Batuque tenha sido o príncipe Custódio de Almeida da nação Jeje (ORO, 2002; CORREA, 2006). Conforme Leistner (2014), mais tarde o Batuque teria surgido na cidade de Porto Alegre devido ao declínio das produções de charque e o crescente aumento de mão de obra nos centros urbanos, até, 1884 quando os escravos gaúchos foram livres através das cartas de alforria, no entanto, os senhores tentaram prolongar a prestação de serviços através da exploração (MAESTRI, 1993, p. 29).

NACIONALIDADE	HOMENS	MULHERES	TOTAL	%
Ambaca	-	2	3	0
Angola	214	87	378	34
Benguela	259	150	410	37
Cabunda	17	1	18	2
Cassange	32	8	40	4
Congo	59	10	69	6
Ganguela	6	2	8	0
Manjolo	7	3	10	1
Messambe	4	-	4	0
Mina	46	15	61	6
Mohumbe (4)	3	1	4	0
Quissama	4	6	10	1
Rebolo	58	25	83	8
Songo	3	3	6	1
TOTAL	712	313	1.104	100

Tabela 6 – Origem dos africanos escravizados introduzidos no Rio Grande do Sul (1802- 1803)
(MAESTRI, 1993, p. 33)

A Umbanda surge no Estado do Rio Grande do Sul na cidade de Rio Grande em 1926, com o ferroviário Otacílio Charão sendo a religião denominada mais brasileira. Já a Linha Cruzada iniciou-se por volta da década de 70, fase de maior consolidação do capitalismo.

“O Batuque representa a expressão mais africana do complexo afro-religioso gaúcho, pois a linguagem litúrgica é Yorubana, os símbolos utilizados são os da tradição africana, as entidades veneradas são os orixás e há uma identificação as “nações” africanas. A Umbanda representa o lado mais “brasileiro” do complexo afro-religioso, pois se trata de uma religião nascida neste país, fruto de um importante sincretismo entre catolicismo popular, espírito kardecista, concepções religiosas indígenas e africanas. Seus rituais são celebrados em língua portuguesa e as entidades veneradas são, sobretudo, os “caboclos” (índios), “pretos-velhos” e “bejis” (crianças), além das “falanges” africanas. Por fim a Linha Cruzada, como sublinha Norton Correa, “cultua todo universo de entidades das outras duas modalidades, a eles acrescentando as figuras do exu e da pomba-gira” (CORREA, 1992, p.10, Apud ORO, 2008, p. 12).



Figura 13 - Príncipe Custodio

O príncipe africano Custódio ao que consta membro da família real de Ajudá (atual república de Benin) era herdeiro do trono de Benin Seu nome tribal era Osuanlele Okizi Erupê. Acredita-se que a data de seu nascimento tenha sido 1832, chegou ao Brasil já com aproximadamente 30 anos. Adotou o nome de Manoel Custódio de Almeida. Foi em Porto Alegre que montou sua casa de religião, onde teve vários filhos de santo. Vestia-se com muita elegância e convivia com a elite branca desfilava pela cidade em uma luxuosa carruagem branca e vivia em uma casa grande na cidade baixa com varias mulheres e filhos. Faleceu em 1936 em seu enterro a nata sociedade esteve presente.

(SILVA, 1999; CORREA, 2006)

“O espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência pratica ele consiti nas relações que se estabelecem entre nós e os espíritos; como filosófica, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas reações. (...) o espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos espíritos, bem como suas relações como o mundo corporal” (KARDEC, 1997)

CAPÍTULO V

BATUQUE



O desenvolvimento do Batuque no estado gaúcho ocorreu conforme já mencionado entre os anos de 1833 – 1859 inicialmente na cidade de Rio Grande e posteriormente na cidade de Pelotas, mais tarde espalhando-se para outras regiões. Conforme Oro (2002) há mais de uma versão para o surgimento do Batuque no Rio Grande do Sul.

Uma que afirma ter sido o mesmo trazido para esta região por uma escrava, vinda diretamente de Recife; e outra que não associa a um personagem, mas às etnias africanas que o estruturaram enquanto espaço de resistência simbólica à escravidão (ORO, 2002).

Durante muitos anos, diversos estudiosos passaram pelo estado realizando pesquisas sobre as casas de religião e as práticas religiosas do Rio Grande do Sul. Em 1951, Dante de Laytano, estimou a existência de cerca de 71 casas de Batuque em Porto Alegre (LAYTANO, 1960). A quantidade de casas de religião distribui-se também entre as variadas nações, pois o Batuque, divide-se em “lados” ou “nações” sendo as principais: Oyó, Jejé, Ijexá, Cabinda, Nagô. Essas variações do Batuque expandiram-se ao chegar à cidade de Porto Alegre. Conforme tabela 7.

O Batuque é a vertente religiosa que abrange mais características da cultura africana, e que compõe a tríade das chamadas religiões afro - gaúchas junto com a Umbanda que seria a religião “mais brasileira” desenvolvendo um misto da cultura afro e indígena. Por fim, a Linha Cruzada que pode ser entendida de duas maneiras, uma por praticar elementos religiosos da Umbanda e Batuque e a outra por cultuar as suas principais entidades Exus e Pombagiras. O culto a Orixás pertence ao Batuque, culto a Caboclos e Pretos-velhos a Umbanda e a Linha Cruzada com o culto a Exus e Pombagiras (CORREA ,2006)

NAÇÃO	QUANTIDADE DE CASAS
Nagô	24
Jeje	21
Oyo	13
Ijexa	08
Outros	05

Tabela 7 – Quantidade de casas por nação (tabela adaptada pela autora)

NAÇÃO
A predominância de elementos culturais Jeje-Nagô, sendo mínima a presença dos espíritos – kardecistas, de inspiração oriental e indígena.
O iniciado só pode receber uma única divindade. O orixá “dono” de sua cabeça, não tem conhecimentos das ocupações.
As entidades sobrenaturais são os orixás, deuses ou os eguns, os espíritos dos mortos.
As cores das vestes variam de acordo com o orixá.
Cantos em língua Jeje – Nagô – Iorubá.
Inclusão necessária de sacralização de animais.
A iniciação implica no vínculo ad mortem.
As sessões iniciam-se às 23 - 23:30 horas e duram até quase ao alvorecer.
Os Deuses são fixados ritualmente em pedras “ocutás”, objetos de ferro ou estatuetas de madeira.
Realiza-se cerimônias para os mortos, a “missa-de -eguns” ou “aressum”.
Reúnem formalmente no ritual apenas elementos africanos e lusos brasileiros.
Denominação de pai-de-santo ou mãe-de-santo para os sacerdotes. A autoridade dos chefes é muito grande, inclusive em aspectos da vida não religiosa.
Os templos têm ampla liberdade de ação, não se submetendo a federações.
Bebidas alcoólicas e tabaco são rigorosamente proibidos nos rituais.
Espaço ritual do salão sem divisões.
Colares mono cromáticos.
Não possui corpo teórico-filosófico expresso formalmente, não há bibliografia que sirva de orientação.
Promovem duas grandes solenidades por ano às “festas”, no caso de templos maiores cerimônias ocasionais chamadas de “quinzenas”.

Tabela 8 – Características do Batuque (tabela adaptada pela autora)

As características apresentadas por Norton Correa (2006) na tabela 8 são específicas do culto ao Batuque gaúcho, entretanto, pode existir variações conforme a casa em que seu chefe foi “feito” ou seja, conforme a nação em que ele foi iniciado.



Figura 15 - Mapa estado do Rio Grande do Sul (mapa adaptado pelo editor)

NAÇÕES

Conforme Oro (2002) e Correa (2006) as nações mais conhecidas são:

- Oió/ Oyó: Cultuada na cidade de Porto Alegre, inicialmente no bairro da Azenha indo posteriormente para o bairro do Areial da Baronesa e então para o Mont Serrat onde se situavam as principais casas de religião.

Uma das principais características dessa nação está na ordem das rezas, onde

tocasse primeiro para os orixás masculinos e após para os femininos encerrando-se com as rezas de Iansã, Xangô e Oxalá, rei e rainha (Iansã e Xangô) de Oió nome da própria nação. Ao final das obrigações² ambos os orixás dançam carregando em suas bocas as cabeças dos animais oferecidos em sacrifício já em estado de decomposição (essa dança faz parte

também de um dia rituais do Batuque). Outra característica refere-se aos Ocutás³, o qual ao invés de guardado em sua vasilha na prateleira é enterrado.

- Ijexá/Jexá: Nação com maior predominância de casas e filhos. Nesta

nação os deuses são os orixás na qual a rainha é a orixá Oxum. A liturgia e ritualística é em Iorubá. Em Porto Alegre a predominância das casas estava nas “regiões negras”, no bairro Mont Serrat e colônia africana.

- Jeje/ Jêjo: Essa nação identifica-se pelo rápido toque dos tambores a qual obriga o tamboreiro a apoiar o tambor entre as pernas diferente de



Figura 16 - Os Orixás

outras nações, utilizava-se ainda o “aguidavis” ou “oguidavis” bem como o “agogô”. Outra característica é a dança Jeje, praticada na grande roda (gira) onde todos executam a mesma coreografia.

Uma das figuras mais conhecidas e marcantes dessa nação teria sido o príncipe Custódio o qual teve vários filhos de santo entre eles o governador do estado Borges de Medeiros. Apesar do Jeje estar extinto como modalidade ritual exclusiva, praticamente todas as casas ainda executam cânticos dessa nação.

- Nagô: Hoje essa forma religiosa está praticamente extinta, outrora, foi considerada a origem do culto no Rio Grande do Sul, bem como pode ser considerada originária de cânticos de outras nações. Algumas características dessa nação estão relacionadas aos números míticos de alguns orixás, Outra característica é o local de homenagem aos mortos no templo (balé), sendo que para os Nagô é na frente da casa e para os demais aos fundos. Outra diferenciação do Nagô é que os ocutás são enterrados e não guardados em vasilhas na prateleira no quarto de santo⁴.

- Cabinda/ Cambíni ou Cambína: Trata-se de uma nação de origem Banto⁵ onde originalmente se fala Kimbundo⁶. A iniciação religiosa começa pelo cemitério, tendo outras características particulares como o número mítico de alguns orixás e também o ritmo dos tambores o qual lembra a luta de capoeira⁷. Ademais, os elementos rituais são iguais aos da nação Ijexá.

- Oiá/ Maçambique: Esse “lado” pouco conhecido descrito apenas por Correia (2006) o qual se baseou no relato de apenas um pai de santo onde o mesmo expõe algumas das características dessa corrente. As dificuldades de “tirar” –tocar tambor - para o lado de Maçambique se dão pela falta de conhecimento dos tamboreiros já que as linhas são mais apuradas, outras características são em relação às comidas oferecidas em obrigações as quais são preparadas com muitas raízes, citou também que os Maçambiques e Oiá são mais sérios com mais fundamentos e são semelhantes.

Analisando os principais lados do Batuque e levando em consideração o passar dos anos, atualmente, as casas de Batuque cultuam os fundamentos “Jeje-Je-xá” uma miscigenação de fundamentos culturais, os quais também englobam elementos das culturas Cabinda, Nagô e Oiô, ou seja, existe sim a mescla de alguns ritos de origem Banto e Sudanesa, porém, os elementos que mais se destacam são dos povos Iorubás.



Figura 17 - A Capoeira

Popularmente conhecido como Borges de Medeiros, Antonio Augusto Borges de Medeiros nasceu na cidade de Caçapava do Sul em 19 de novembro de 1863. Em 1881 foi para São Paulo estudar Direito iniciando –se na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco e concluindo seus estudos a Faculdade de Direito do Recife, para onde havia se transferido no ano anterior.

Mais tarde volta ao seu estado de origem, passando por várias experiências como advogado, e também como sucessor de Julio de Castilhos no governo do Estado do Rio Grande do Sul, tendo seu primeiro mandato em 1898-1903, foi reeleito para seu segundo mandato. Em 1918 concorreu a seu quarto mandato que durou até 1923. Anistiado em 1934, foi candidato da minoria nas eleições indiretas para presidente da República, mas foi derrotado.

Borges de Medeiros faleceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no dia 25 de abril de 1961.

(FRAZÃO, 2016)



Figura 18 - Borges de Medeiros

²Obrigações são rituais realizados nas religiões afro.

³São pedras que representam os Orixás.

⁴É o local da casa considerado mais sagrado, onde estão os objetos sagrados e onde são realizadas as obrigações.

⁵Denominação que abrange etnias africanas, bem como um tronco lingüístico,

⁶Kimbundo é um dialeto do tronco lingüístico Banto.

⁷Conforme Paiva (2007) "A capoeira, inicialmente foi uma arma dos negros escravizados. Possivelmente, era praticada em senzalas e quilombos. Pesquisas sobre capoeira no século XIX fazem alusão de que ela era praticada, especialmente, nas ruas dos centros urbanos do Rio de Janeiro, Salvador, Recife, São Luiz e Pará. Nesse período, a capoeira era considerada um problema de segurança pública." (PAIVA, 2007, p. 50)

COSMOVISÃO AFRICANA

Na cosmovisão africana, os povos lorubás acreditam que a existência se dá em dois planos: o Ayé, onde vivem os àra-Ayé que seriam os seres materiais e o òrun onde vivem os àra-òrun seres espirituais. No òrun é onde se encontra Olodumare, ser supremo dos lorubás. (SILVEIRA, 2014, p. 22-39)

Quem detém todos os poderes da criação é Olodumare que passa poderes para os Irunmalé (Orixás) de acordo com suas funções. Os Irunmalés são divididos em dois grupos: Quatrocentos Irunmalés da direita (orixá Funfun) e os duzentos Irunmalés da esquerda (Eborá). Esses números não representam de forma exata o número o que se referem, apenas são expressões para significar um grande grupo e outro maior ainda (SILVEIRA, 2014, p. 22-39). Para melhor entendimento da cosmovisão africana ver figura 20.

Conforme o organograma (baseada no trabalho de Silveira 2014) temos as divisões que acreditasse ser da cosmovisão africana. Explicando essa imagem temos os dois planos, òrun onde estão os seres espirituais e o ayé onde vivem os homens, logo abaixo os Irunmalés (divindades) ligadas a Olodumaré que é o ser supremo da criação. Após, entramos na divisão das divindades, os orixás Funfun que são os Orixás do branco e estão relacionados a criação do homem e do mundo, estes estão divididos em duas categorias, Oxalá que seria o criador e Orunmilá que seria o detentor da História e do destino, pai da magia, conhecimento e futuro, em outras palavras, aquele se manifesta apenas através do jogo de búzios.

Entre os Orixás Funfun e os Eborás temos a figura de Exu que é representada como o guardião, aquele que liga o plano espiritual do plano material, esse orixá é sempre o



Figura 19 - Crianças

Cosmovisão seria “uma compreensão que diz respeito a tudo [...] que procura dar uma resposta as questões últimas do homem, no que diz respeito a sua origem e a sua meta final”

(REHBEIN, 1985, p. 21)

primeiro a ser homenageado e a receber oferendas, pois é o responsável pela ligação entre humanos e deuses.

Os Eborás também seguem uma divisão, que seria a das divindades. Os Orixás da cultura material são representados por Ogum, que nos primórdios era considerado o orixá da agricultura e mais tarde Ihe foi agregado as atribuições da guerra e trabalho com ferro. Junto a Ogum está o Orixá Odé deus da caça, aquele que busca o alimento. Em seguida temos os orixás da saúde representados por Ossanha considerado o orixá médico, que possui o conhecimento das plantas e suas combinações. O outro orixá da Saúde é Xapanã, porém este, detém os

segredos da vida e da morte, temido por ser o dono das doenças de pele, assim como traz pode levar embora todos os males relacionados à saúde. Por fim, está Xangô o dono da justiça, aquele que “mantém” a ordem, orixá do trovão, aquele que castiga os mentirosos, infratores.

De acordo com Santos “o espaço òrun compreende simultaneamente todo o do àiyè, terra e céu incluso, e conseqüentemente todas as entidades sobrenaturais, quer elas sejam associadas ao ar, á terra ou ás águas, e que todas são invocadas e surgem da terra. É assim que os àra-òrun são também chamados de Irúnmalé”.

(SANTOS, 2002, p. 264)

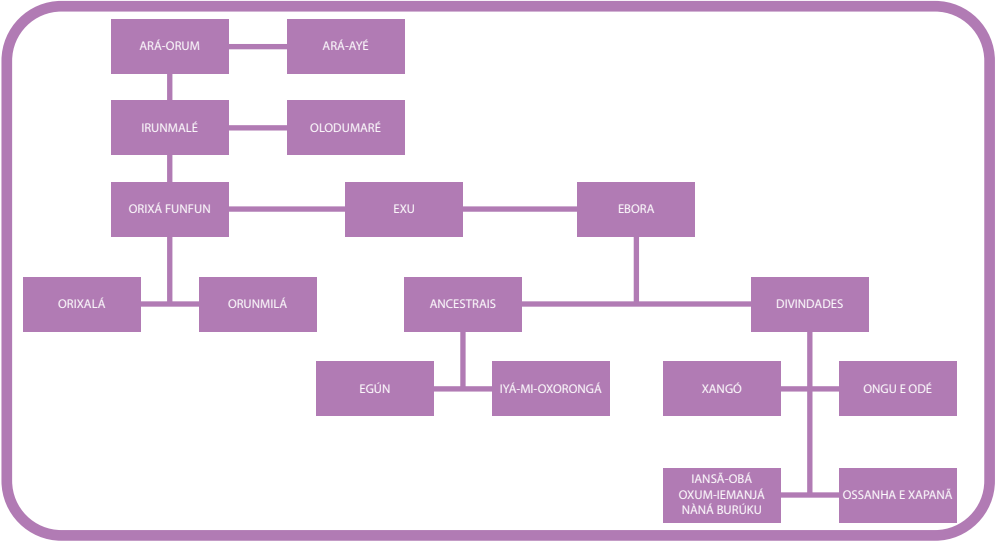


Figura 20 - Cosmovisão africana (tabela adaptada pela autora, com base em SILVEIRA)

Ainda entre as divindades temos as figuras femininas, responsáveis pelos rios, e pela fertilidade. Entre essas divindades temos Oyá ou Iansã “dona” do rio Níger e é também a dona dos espíritos, senhora dos raios e tempestades. Obá e Oxum são as Orixás donas de rios que quando se encontram formam ondas lembrando da disputa que tiveram pelo amor de seu marido Xangô, Oxum é a dona da beleza, da riqueza assim como da maternidade. Iemanjá é a dona do mar uma das orixás mais conhecidas. Completando as divindades femininas temos Nàná Buruku a que representa a memória ancestral da humanidade, a ela pertencem as águas paradas dos pântanos, o que faz referência a criação.

E para completar, os Eboras, onde temos a “categoria” dos ancestrais. Essa categoria está dividida em Eguns, que seriam os espíritos dos mortos (homens) que são cultuados em cerimônias chamadas de Egúngún. Do outro lado temos a Iyá-mi-Oxorongá representada pelos espíritos femininos cultuados na sociedade Gèlèdè. De forma bem sucinta, temos a explicação de como se organizaria a cosmovisão Iorubá, no entanto, ainda conforme Silveira (2014) o estudo de divindade da esquerda ou da direita é bastante complexo e extenso.

O MITO DA CRIAÇÃO!

Olodumare, Senhor Supremo dos Nossos Destinos, também conhecido como Olorum, Senhor do Orum, criou o primeiro dos Orixás, Oxalá e deu-lhe a incumbência de criar o mundo, entregando-lhe o saco da criação. No momento da criação já haviam outros Orixás habitando o Orum, Oxalá foi aconselhado por Orumilá a oferecer o Orixá Exu antes de empenhar sua tarefa. Oxalá olvidou o conselho e partiu sem fazer suas oferendas, no que Exu usou de seus poderes criando em Oxalá muita sede. Chegando ao local onde o mundo seria criado, encontrou uma palmeira, com seu cajado, opaxorô, fez um furo na palmeira e bebeu seu vinho. Bebeu, bebeu, bebeu e logo depois adormeceu ao lado da palmeira. Exu lhe tomou o saco da criação e entregou ao Orixá Odudua, que com a concessão de Olorum e as devidas oferendas, fez a tarefa que antes seria de Oxalá. Ao acordar Oxalá vê que o mundo já está criado e se dirige a Olorum para expor o ocorrido ao que o Senhor do Orum lhe dá uma nova incumbência, criar os homens. Oxalá toma o barro e com ele modela o homem e a mulher, porém não tem vida, assim chama Olorum para expor a questão, ao que este se aproxima e sopra o sopro da vida animando assim os homens e mulheres modelados por Oxalá. Um mito é uma alegoria, uma metáfora que traz um simbolismo da vida e da criação. O mito oculta valores e orientações para a vida em sociedade e o entendimento da relação com o sagrado. Aqui neste mito da criação, um dos mais conhecidos da cultura Nagô-Yorubá, reinterpretado, encontramos muitos elementos para o entendimento e relacionamento com este universo mitológico dos Orixás. Olodumare, Senhor Supremo dos Nossos Destinos, também conhecido como Olorum, Senhor do Orum (Céu ou a realidade que transcende a matéria), é Deus para a cultura Nagô. Este mito nos lembra que até Oxalá deve oferecer Exu, pois nada se faz sem antes oferecer o dono da encruzilhada. Exu reina na encruzilhada entre o mundo material (Ayê) e o mundo mítico-espiritual (Orum), ao passar por Exu, ao fazer o trânsito entre realidades é necessário oferecê-lo, o que é uma questão de respeito e devoção. Esta questão também nos lembra de que não devemos empreender tarefa sozinhos, devemos contar com amparo e ajuda dos outros, devemos ser humildes e ouvir os conselhos. Claro que não cremos que Oxalá seja arrogante ou que se desentenda com outros Orixás, mas em mitologia as questões e situações, tão humanas são colocadas apenas para ensinar e criar uma forma de transmissão oral de fácil assimilação. Veja que Oxalá criou o homem, mas, apenas Deus, Olorum, pode lhe dar a vida ou o sopro da vida. Quando Oxalá procura Olorum ele é perdoado e absorve este mistério de Olorum, logo passa a ser o Orixá do perdão. Há também uma observação no que diz respeito aos excessos que nos fazem deixar de lado as responsabilidades e compromissos. Oxalá passa a não receber nada que seja alcoólico, pelo contrário, Oxalá passa a representar a sobriedade, a calma e a Paz. Orumilá representa o Oráculo, aquele que conhece presente, passado e futuro, logo representa a onisciência de Deus prevendo o acontecimento e aconselhando seu filho mais velho, pois muitas vezes o mais velho deve procurar o mais novo.

Tabela 9 - Mito da criação (HISTÓRIA, 2017)

INICIAÇÃO

No Rio Grande do Sul o Batuque cultua os orixás (os quais veremos mais a seguir) onde seus ensinamentos são passados de forma oral, conforme Correa (2006), todos os rituais realizados (iniciação) no batuque só poderão ocorrer se o indivíduo já for batizado na Igreja Católica⁸. Os filhos do batuque vão aprendendo os fundamentos da religião com a prática e observando os mais velhos de religião, porém, a idade dentro do Batuque nem sempre representa mais conhecimento. Guiados pelo pai ou mãe de santo, também chamados de Babalo-

rixá ou lalorixá⁹, o qual é o dirigente do terreiro/terreira ou Ilê (casa de batuque), outra figura importante da casa é o cambono, o auxiliar do médium ocupado.

O terreiro contém algumas “repartições” físicas como o salão principal onde ocorre a festa, o quarto de santo- Pejí onde normalmente está o assentamento, local onde ficam os objetos que representam o Orixá da casa e dos filhos, por fim, a cozinha onde são preparadas as comidas sagradas, a estrutura física da casa pode variar de acordo com o local onde está inserida, bem como o tamanho.

Voltando a iniciação religiosa, a mesma pode ser realizada após os 12 anos de idade, antes disso caso seja necessário algum ritual a criança é entregue aos Ibêjis entidades também crianças as quais irão “tomar conta” até a idade da iniciação. Quando o indivíduo então poderá ser consagrado aos seus orixás firmando laços. A estrutura da iniciação no batuque pode ser dividida em três partes conforme Correa (2006) “primeiro, em que o indivíduo recolhe-se a casa de culto, segundo, representado pelas condições e práticas do período de recolhimento, terceiro, a festa pública em



Figura 21 - Tambor de religião

Já os ciclos rituais variam de acordo com a tradição da casa.

(CORREIA, 2006, p. 101),

que termina o recolhimento” (CORREA, 2006, p. 91). Os passos¹⁰ da iniciação conforme Correa (2006) e Leistner (2009), consistem basicamente em:

- Lavagem de cabeça e contas, ritual que consiste em lavar a cabeça e as pernas do filho com ervas tornando-o filho de santo, e a lavagem de contas “guias”¹¹ de seu orixá as quais poderão ser usadas como proteção.

- Segurança, aribibó ou oribibó é um ritual feito para crianças com menos de 12 anos quando há necessidade de uma proteção mais forte, esse ritual não envolve quantidade de sangue que estabeleça laços com o orixá, apenas uma pequena quantidade para marcar.

- Borí ou Borído é uma cerimônia que não precisa ser feita necessariamente antes do apronte, no entanto, é necessário que a pessoa tenha sido batizada na igreja católica. Esse ritual tem a ver com o cérebro e consiste em colocar em uma cremeira¹² pequenos búzios com o número correspondente ao seu orixá, jóias verdadeiras e de fantasia, pedrinhas e moedas, seria a representação da “cabeça”. Finaliza-se esse ritual sacrificando sobre a cabeça do filho o animal oferecido ao seu orixá.

- Aprontamento é a consagração do filho (cabeça, corpo e pernas) aos seus orixás e também a Bará. Esse ritual corresponde ao pacto oficial entre orixá e o filho. O aprontamento sempre ocorre na

cerimônia da “matança”¹³, e segue alguns “passos” específicos.

- Axé¹⁴ (força) de faca e axé de búzios consiste no ritual onde o pai ou mãe de santo passa a um ou mais filhos tais Axés, ambos os axés são dados aos filhos prontos completos ou aos que pretendem seguir como chefes (ter seu próprio terreiro). O Axé de facas pode ser dado ao filho pronto ou ao que irá ajudar na matança, o que é algo bastante glorioso dentro de um terreiro, já que essa atribuição é exclusiva do pai de santo da casa. O Axé de búzios é dado ao filho que irá seguir como chefe, neste, lhes são dados um par de olhos de vidro sinal de que receberá “visão” para ler o que dizem os orixás, porém, esse Axé é recebido apenas com 10 ou 12 anos dentro da religião, tempo em que possa ter acumulado conhecimento suficiente. Ambos os Axés, recebem sangue para purificar e selar o ritual.

Cada templo de batuque, ao longo do ano, cumpre um sem-número de rituais menores e maiores. Incluem-se nisto os pequenos rituais da rotina diária, certas cerimônias realizadas em determinadas épocas do ano e que acompanham o calendário católico, as “festas” menores (“quinzenas”), e as maiores, chamadas “festas grandes”. Em geral, todos suspendem as festividades na quaresma. (CORREIA, 2006, p.101)

⁸Quanto ao batismo na Igreja Católica, não encontramos referência a batismos em outras religiões.

⁹Babalorixá é o pai de santo; lalorixá é a mãe de santo.

¹⁰As descrições são baseadas em partes das obras dos autores citados.

¹¹As guias têm suas cores de acordo com cada Orixá. As contas das guias são confeccionadas pela pessoa que irá usá-la com peças de vidro e/ou porcelana e são cruzadas pelo pai ou mãe de santo, só podem ser usadas pelo seu dono, pois contêm energias da pessoa.

¹²Espécie de vaso de barro.

¹³Obrigação ou matança é chamado o ritual onde cada adepto oferece comida a seu orixá, para todos aqueles que serão iniciados ou irão atualizar seu ritual. Essas cerimônias são de caráter privado, com raras exceções para público.

¹⁴Axé “refere-se aquela energia inerente aos seres que faz configurar o ser-força, não havendo separação possível entre duas instancias, que, dessa forma, constituem uma única realidade.” (LEITE, 1995/1996)

Outro importante ritual do batuque é o “aressum” ritual funerário, também chamado de “missa de eguns” ou simplesmente “missa” conforme Correia (2006, p. 149) “é um conjunto de cerimônias, feitos no sexto e sétimo dia após a morte de alguém de religião, ou anualmente, na grande maioria dos templos para homenagear os respectivos ancestrais de culto”.

ORIXÁS

A religiosidade batuqueira tem como seus “santos” os Orixás.

Ao falar sobre os orixás consequentemente vamos falar de mito, a religiosidade africana vê na religião uma “forma de explicação para a vida” os orixás protagonizam muitas historias/mitos envolvendo deuses e homens, plantas e animais, elementos da natureza e vida em sociedade “é pelo mito que se alcança o passado e se explica a origem de tudo, é pelo mito que se interpreta o presente e se prediz o futuro, nesta e na outra vida” (PRANDI, 2001, p. 24)

A compilação de mitos sobre orixás que a literatura disponibiliza é esforço de muitos pesquisadores já que a cultura era transmitida oralmente, alguns babalaôs

cubanos desenvolveram o hábito de registrar em cadernos os odus do oráculo, mitos dos orixás, os quais passaram a ser fonte primária de pesquisa para muitos estudiosos. No Brasil a figura dos babalaôs (quem tinha o poder de ler os búzios) foi desaparecendo com o tempo já que o jogo de búzios também passou a ser atividade dos pais e mães de santos, no entanto, comentam os pesquisadores sobre a existência de cadernos mantidos a sete chaves pelo povo de religião como meio de preservar e perpetuar os conhecimentos e fundamentos, rituais, míticos e mágicos das religiões afro. (PRANDI, 2001, p. 25).

O Batuque gaúcho cultua doze orixás, de ambos os sexos, entre eles há uma hierarquia por idade que vai do “Bará, o primeiro, a Oxalá, o último. Há duas grandes classes básicas de idade: “os jovens”, do Bará até Obá, e os “velhos” que são principalmente Oxum, a Iemanjá e o Oxalá” (CORREIA, 2006, p. 176). Assim estão representados os orixás em sua hierarquia na tabela 10.

Para os iorubás tradicionais e os seguidores de sua religião nas Américas, os orixá são deuses que receberam de Olodumare ou Olorum, também o chamado Olofin em Cuba, ser supremo, a incumbência de criar e governar o mundo, ficando cada um deles responsável por alguns aspectos da natureza e certas dimensões da vida em sociedade e da condição humana.

(PRANDI, 2001, p. 20)

ORIXÁS	ANIMAIS SACRIFICADOS	COMIDAS OFERECIDAS	SINCRETISMO ¹⁵ CATÓLICO
Bará	Bode, galo vermelho	Milho torrado e batatas assadas, pipoca	Stº. Antônio, São Pedro e São Benedito.
Ogum	Bode escuro, galo vermelho.	Churrasco com farofa(mamiá)	São Jorge do Sul, Stº Antônio na Bahia.
Iansã	Cabra cor de laranja, galinha vermelha	Acarajé, pipocas, batata doce frita	Stª. Barbará
Xangô	Carneiro, galo e pombos brancos	Amalá	Jovem: São Miguel Arcanjo. Velho: São Jerônimo
Ibeji	Não recebem sacrifício	Somente doces e balas	São Cosme e São Damião
Obá	Galinha cinza, cabra marrom, mocha e não coberta	Canjica amarela, abacaxi.	Stª. Catarina
Odé/Otim	Porco, galo carijó	Farinha de mandioca e mel, costela de porco frita.	Odé: São Sebastião Otim: Stª. Efigênia.
Ossanha	Bode, galo arrepiado	Batata cozida (apetê)	São José, Stª. Onofre
Xapanã	Bode com aspas de qualquer cor menos preto, galo prateado	Amendoim, milho torrado, pipoca	Jovem: São Lázaro Velho: Cristo das chagas
Oxum	Cabra, galinha amarela	Canjica amarela, doces, quindins	Nªsª da conceição Nªsª Aparecida
Iemanjá	Ovelha, cabra e galinha branca	Canjica, merengue e cocada	Nªsª dos Navegantes
Oxalá	Cabra, galinha branca	Canjica	Cristo. Espírito santo

Tabela 10 - Orixás do Batuque do Rio Grande do Sul

Fonte: (ORO, 2002, p.376-377).

¹⁵Sincretismo com os santos católicos é a associação dos Orixás com os santos católicos, como podemos perceber na tabela acima.

Os iorubás acreditam que homens e mulheres descendem dos orixás, não tendo, pois, uma origem única e comum, como no cristianismo. Cada um herda do orixá de que provem suas marcas e características, propensões e desejos, tudo que está relatado nos mitos, os orixás vivem em luta uns contra os outros, defendem seus governos e procuram ampliar seus domínios, valendo-se de todos os artifícios e artimanhas, da intriga a dissimulada a guerra aberta e sangrenta, da conquista amorosa a traição. Os orixás alegram-se e sofrem, vencem e perdem, conquistam e são conquistados, amam e odeiam. Os humanos são apenas copias esmaecidas dos orixás dos quais descendem.

(PRANDI, 2001, p. 24)

Apresentados os orixás cultuados no Rio Grande do Sul, vamos apresentar uma breve descrição de cada um deles. Para realizar essa descrição, utilizamos os trabalhos de Correia (2006), Silveira (2014), Pradi (2001), Silva (1994) e também as páginas de Ilê de Xangô, Umbanda de caridade, sereia de aruanda, Batuque dos Orixás e da AFOBRAS, todos estes apresentam de forma clara e compreensível o arquétipo de cada Orixá, onde retiramos as informações que agora apresentamos.

Bará é considerado o orixá mensageiro, aquele que faz a ligação entre o plano espiritual e o plano material. É quem tem a chave de tudo, o que tranca e destranca. Tem o privilegio de receber as obrigações por primeiro, nada começa sem saudar Exu já que também é considerado a linha de frente dos Orixás.

Entre os Barás, os mais conhecidos e chamados são:

- Bará Lodê: Assentado fora do terreiro é responsável pela segurança do mesmo. É o orixá que mantém a estrutura do templo.
- Bará Adague: assentado dentro do terreiro e recebe suas oferendas na encruzilhada. É o mais chamado.
- Bará Agelu: é o Bará que faz frente para os orixás das águas assim como Oxun, Iemanjá e Oxalá. Em suas oferendas, usa-se, além do azeite de dendê, o mel.
- Bará Lanã: tem as mesmas atribuições do Bará Adague.
- Legba ou Elegba: assentado fora dos templos é responsável pela comunicação entre os mundos, a tradição de Benin antigo Daomé, mas é cultuado somente na Nação Cabinda. (ILÊ DE XANGÔ, 2018)



Figura 22 - Bará

SÍMBOLO	Chave, foice, corrente de ferro
COR	Vermelho
COLAR	Corrente de ferro
SAUDAÇÃO	Alé-pô
NÚMEROS	03 e 07 (múltiplos de 07)
BARÁS MAIS CONHECIDOS	Lodê, Jelú, Lanã, Adague, Adanadá, Bi, Bô

Tabela 11 – Elementos de Bará (elaborado pela autora (2018))

Ogum é o Deus da guerra. Orixá de demanda é representado sempre impunhando sua espada. Protetor dos trabalhadores é dono de todas as ferramentas de trabalho. Senhor dos metais, domina o aço, o ferro e tudo o que neles é forjado. Irmão de Bará, também é dono dos caminhos, das estradas, dos trilhos de ferro por onde passam os trens. Protege a porta das entradas das casas e templos. É senhor dos exércitos, das armas de corte e das armas bélicas. Protetor da polícia, dos soldados, militares, ferreiros e agricultores. (AFOBRAS,2017)

Às vezes é considerado um Orixá impiedoso, cruel e severo, ele poderá passar essa imagem, mas sabe ser dócil, amável, apaixonado e compreensível quando é cultuado com fé.

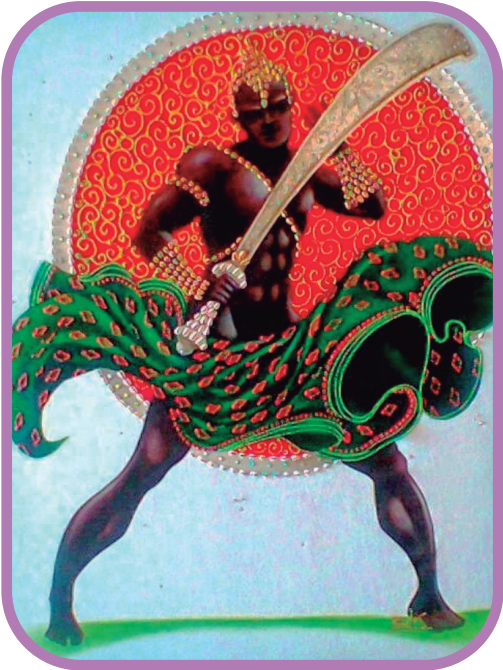


Figura 23 - Ogum

SÍMBOLO	Espada e lança instrumentos do ferreiro: martelo e bigorna, esquadro, compasso, tenazes. Implementos de cavalo: ferraduras e cravos
COR	Vermelho e verde
COLAR	Vermelho e verde
SAUDAÇÃO	Ogú-nhê!
NÚMEROS	07 ou 14 (múltiplos de 07)

Tabela 12 – Elementos de Ogum (elaborado pela autora (2018))

Oiá é a deusa dos ventos, também chamada de Iansã, nome recebido de seu marido Xangô que faz referências ao entardecer, a tradução é mãe do céu rosado ou mãe do entardecer. Iansã tem o domínio dos raios e tempestades. É uma mulher guerreira, radiante, linda. Deusa da espada, mas também dona das paixões. É irrequieta, autoritária, sensual, disputa pelo ser amado, temperamento muito forte, dominadora e impetuosa, dona dos movimentos.

Dona dos eguns, guia dos espíritos, orixá do fogo. Como orientadora dos mortos, carrega consigo o eruexin, feito com rabo de boi ou cavalo, para impor respeito perante aos eguns. (ILÊ DE XANGÔ, 2018)

SÍMBOLO	Espada, taça
COR	Vermelho e branco
COLAR	Vermelho
SAUDAÇÃO	Êpa-êio!
NÚMEROS	07

Tabela 13 – Elementos de Iansã (elaborado pela autora (2018))



Figura 24 - Iansã | Oiá

Nos mitos, Xangô teria sido rei de Oiô, uma das principais cidades da cultura iorubana, é um Orixá poderoso, bravo, que se irrita facilmente. É o senhor do trovão, conhecido também como patrono da justiça.

Existem doze Xangôs que se dividem em dois grupos: o Jovem, Aganjú e o velho, Godô. O primeiro é o dono da justiça, comanda também os cemitérios,

SÍMBOLO	Machado e balança
COR	Vermelho e branco
COLAR	Vermelho e branco
SAUDAÇÃO	Cauô
NÚMEROS	06 e 12 (múltiplos de 06)

Tabela 14 – Elementos de Xangô (elaborado pela autora (2018))

seria o “comandante dos Eguns”. O Xangô velho – Godô é o da lei e das escritas padroeiro dos intelectuais.

Seu arquétipo mostra a capacidade de organizar, em ter habilidade no trato das relações humanas, governos, progresso cultural e social, a voz do povo, levante e a vontade de vencer. Tomando decisões sábias, hábeis, ponderadas e corretas, é o Orixá que decide sobre o bem e o mal. Sua característica é nascer do poder e morrer em nome do poder. Percebemos que a imagem do poder esta sempre ligada ao Xangô. (ILÊ DE XANGÔ, 2018)



Figura 25 - Xangô

Os Ibeji seriam os Orixás crianças (São Cosme e são Damião é a sincretização com os santos católicos) protetores das crianças. É a divindade das brincadeiras e alegria. Sua regência está ligada à infância. Por serem crianças, são ligados a tudo que tem inicio ou que brota, assim como as nascentes dos rios, nascimentos dos seres humano, dos animais, das plantas e outros.

Os fundamentos destes Orixás ainda são discutidos dentro dos terreiros, pois se trata de divindade raríssima por serem gêmeos. Estão presentes em todos os rituais de Batuque, assim como os Barás. Esses Orixás crianças, quando não são bem cuidados nas casas de religiões, podem atrapalhar os andamentos dos trabalhos, dispersando a

SÍMBOLO	Dois bonecos gêmeos
COR	Azul, rosa e verde
COLAR	Rosa
SAUDAÇÃO	Oni Ibeji
NÚMEROS	06 e múltiplos

Tabela 15 – Elementos de Ibeji (elaborado pela autora (2018))

concentração dos membros da casa com suas brincadeiras. (ILÊ DE XANGÔ, 2018)

No continente Africano, as crianças representam a certeza da continuidade da vida diante disto seus pais lhe consideram como a sua maior riqueza. A palavra Igbji em Yorubá, significa gêmeos e são formados por duas entidades coexistentes, respeitando assim o princípio da dualidade. Esta divindade Africana indica a contradição, ou seja, que os opostos podem caminhar juntos. A dualidade mostra que as coisas, em todas as circunstâncias, possuem dois lados e justiça só pode ser feita diante desta premissa, ouvindo-se os dois lados. (ILÊ DE XANGÔ, 2018)



Figura 26 - Ibeji

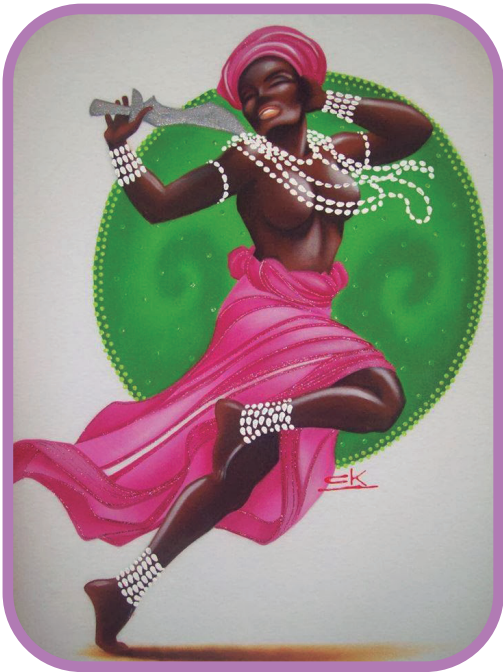


Figura 25 - Obá

Senhora do rio Obá, na Nigéria, patrocinadora de conflitos, energia que se desenvolve nos coriscos dizem que esse poder foi lhe dado por Xangô. Guerreira, considerada até como se fosse uma lansã velha, mais forte que muitos orixás masculinos. Na natureza, ela é a regente das enchentes, cheias dos rios, inundações, coriscos, tem ligação com energia elétrica. É poderosa, sábia, madura e realista. (ILÊ DE XANGÔ, 2018)

SÍMBOLO	Facão
COR	Rosa
COLAR	Rosa
SAUDAÇÃO	Êxo-ínho
NÚMEROS	07

Tabela 16 – Elementos de Obá (elaborado pela autora (2018))

Com os seres humanos, Obá comanda a desilusão amorosa, sentimentos de perda, ciúmes, e a incapacidade do ser humano em ter aquilo que ama e deseja. Embora a lenda diga que a Orixá Obá é uma guerreira, vencedora, ela consegue seu encantamento nas desilusões e frustrações, na derrota. Ela age em cima da raiva, da solidão, depressão, e o sentimento de abandono. A frustração dos homens. (ILÊ DE XANGÔ, 2018)

Orixás da fartura, da caça e que vivem na floresta, Odé (homem) e Otim (mulher) são inseparáveis.

Suas principais características são a rapidez, astúcia, sabedoria e o jeito ardiloso para faturar sua caça, regem também às lavouras, os plantios permitindo boas colheitas é o provedor da nossa alimentação. É um Orixá de contemplação, amante das artes e das coisas belas ligado às artes, pintura, esculturas, música, nos passos das danças e esta presente no canto dos pássaros e das cigarras. (ILÊ DE XANGÔ, 2018)

SÍMBOLO	Odé: Coqueiro de ferro; Arco e flecha Otim: Cântaro
COR	Azul marinho e branco; Preto e branco
COLAR	Azul marinho e branco; Preto e branco
SAUDAÇÃO	Ô-qué
NÚMEROS	07 ou 14

Tabela 17 – Elementos de Odé e Otim (elaborado pela autora (2018))



Figura 28 - Odé e Otim

Ossanha é o Orixá das plantas medicinais e litúrgicas. É fundamental sua importância porque detém o reino e poder das plantas e folhas, matérias-primas do mioró, imprescindível nos rituais e obrigações de cabeça e assentamento de todos Orixás. É Ossanha quem detém o segredo de todas as folhas, e assim a cura de todas as doenças. Também a ele pertencem os ossos, nervos e músculos. As pessoas com defeitos físicos nas pernas e pés, ou que não possuem uma

SÍMBOLO	Muleta e folha
COR	Verde e amarelo
COLAR	Verde e amarelo
SAUDAÇÃO	Êu-êu
NÚMEROS	07 ou 14

Tabela 18 – Elementos de Ossanha (elaborado pela autora (2018))



Figura 29 - Ossanha

das pernas, quase sempre estão ligadas de alguma forma a esse Orixá, pois ele se apresenta sem uma das pernas, seja simbolicamente, sincreticamente, assim como em transe. Dança sempre com uma das pernas encolhidas como se não a possuísse.(AFOBRAS, 2017)



Figura 30 - Xapanã

Xapanã também conhecido como Omolu ou Obaluaíé é o Orixá regente das pestes, das moléstias contagiosas, tanto como doença ou cura. É o rei das profundezas da terra. cobre o seu rosto com filá “palha da costa”, porque fica proibido de mostrar o seu rosto para os humanos,

SÍMBOLO	Vassoura e pilão
COR	Preto combinado com vermelho, lilas, bordô, solferino, grená ou rosa
COLAR	Preto combinado com vermelho, lilas, bordô, solferino, grená ou rosa
SAUDAÇÃO	Abáú
NÚMEROS	07

Tabela 19 – Elementos de Xapanã (elaborado pela autora (2018))

devido à deformação feita pela sua doença de pele, e pelo respeito que se deve ao Orixá. Ele a lansã são responsáveis pelos cemitérios, pois é o orixá que é o emissário de oxalá no principio ativo da morte. (ILÊ DE XANGÔ, 2018)

Oxum é protótipo da beleza e da meiguice, dona das cachoeiras, mãe das águas doces e também dona do ouro, seu nome de origem ao rio que corre na região nigeriana de Ijexá e Ijebu, Oxum é a rainha no Ijexá. O templo de Oxum está localizado na cidade de Osogbo na Nigéria, responde pela prosperidade, e riqueza, pelo desenvolvimento da criança ainda no ventre materno. Ela exerce grande influência na raça humana, principalmente no comportamento no lado teimoso, manhoso, na esperteza maquiavélica de cada um, ciumenta e chorosa. (ILÊ DE XANGÔ, 2018)

Oxum é o charme, pose, dengue, sutileza, cochicho, segredinho, comentários até intrigas. E tudo que está ligado à sensualidade. Está é força que desenvolve tais sentimentos e comportamentos nos indivíduos, sendo o sexo feminino o mais influenciado. Ela é também o amor puro, real, maduro, sincero, calmo e romântico, aquele que dura toda a vida, é a paz no coração, mas com certeza através de Oxum, não terás paixão. É a energia pura do amor. (ILÊ DE XANGÔ, 2018)

Os filhos de Oxum estão muito ligados as feitiçarias e bruxarias, por o Orixá, ter uma ligação com Yámi Osorongá, Oxum e Bará (Exú) são responsáveis pela fecundação, pois fazem a multiplicação das células mãe, que vai gerar o bebê no útero materno. Como Oxum é a rainha das águas ela vai reger a gestação do bebê em bolsa de água na barriga da mãe, Sem dúvida é um dos fenômenos da natureza mais fascinantes, pois é o inicio da formação da vida. Tomando conta até os nascimentos depois entregando para Iemanjá. É carinhosamente chamada de Mamãe por ser a padroeira da gestação e fecundidade. (ILÊ DE XANGÔ, 2018)



Figura 31 - Oxum

SÍMBOLO	Leque, espelho, ouro e dinheiro, barco
COR	Amarelo, amarelo e branco
COLAR	Pandá: Amarelo claro opaco; Ademum: Amarelo escuro opaco; Docô: Amarelo translúcido (vidro)
SAUDAÇÃO	Iê-iêu
NÚMEROS	08, 16 e 32

Tabela 20 – Elementos de Oxum (elaborado pela autora (2018))

Como mencionado anteriormente, no Brasil lemanjá recebeu a atribuição de dona do mar, considerada a mãe dos orixás e também regente dos lares, protetora da família e dona dos pensamentos, raciocínio e inteligência. É considerada a deusa das pérolas, lemanjá é quem ampara a cabeça dos recém nascidos. (ILÊ DE XANGÔ, 2018)

É a força da natureza, também tem um papel muito importante, pois é ela que vai cuidar dos lares e casas das pessoas. É

SÍMBOLO	Âncora, branco, peixe, remo
COR	Azul, azul e branco
COLAR	Moca: Azul e branco opaco; Velha: Contas de vidro
SAUDAÇÃO	Omi-ô
NÚMEROS	08, 16 e 32

Tabela 21 – Elementos de lemanjá (elaborado pela autora (2018))

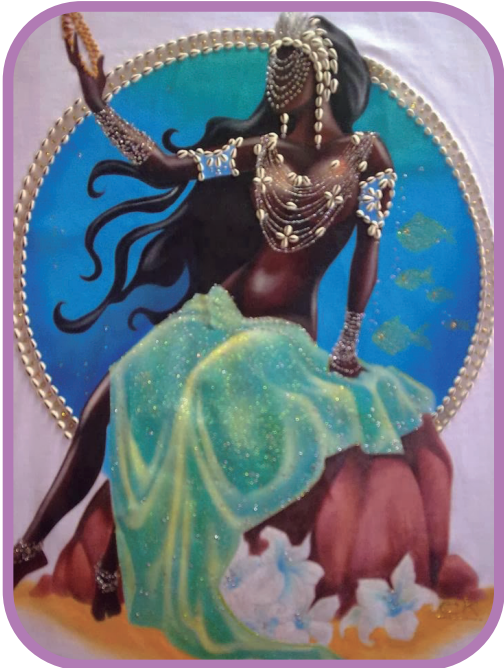


Figura 32 - lemanjá

lemanjá que dará o sentido de “família” para a humanidade que vive debaixo de um mesmo teto. Ela gera personalidade das famílias, pai, mãe e filhos. É à base da formação de uma família. (ILÊ DE XANGÔ, 2018)

Dentro dos cultos, nos templos ou terreiros, lemanjá atua organizando e dando sentido ao grupo e comunidade religiosa ali reunida, transformando essa convivência num ato familiar, fazendo criar raízes e dependências entre si, proporcionando o sentimento de irmandade entre pessoas que se conhecem há pouco tempo. lemanjá é quem não deixa morrer dentro de nós o sentido de amor. (ILÊ DE XANGÔ, 2018)

Se Exu fecunda e Oxum cuida da gestação, é lemanjá quem vai receber aquela nova vida no nascimento, pois é ela que vai amparar a cabeça do recém nascido neste mundo e entregá-la ao seu regente, que inclusive pode ser até ela mesma. É natural que até os 12 anos os orixás que cuidam dos rebentos são Xangô e Oxum. Ela é a protetora dos pescadores é quem proporciona boas pescarias, também rege os seres aquáticos e prove o alimento vindo de seu reino. (ILÊ DE XANGÔ, 2018)



Figura 33 - Oxalá

Oxalá é o Orixá da paz, união e fraternidade entre os povos da terra e do cosmo. Coordenador e muitas vezes responsável pelos orixás e também considerado o fim pacífico da vida, é o Orixá da compreensão e da amizade, entendimento e do fim dos mal entendidos. Ele é o pai da brancura, por isso, essa cor simboliza a paz, a transparência. Embora na religião e cultos Afro-brasileiros o branco tenha a ver também com a

SÍMBOLO	Bastão, velho, olho, pomba
COR	Branco
COLAR	Branco
SAUDAÇÃO	Êpa-ô
NÚMEROS	08, 16 e 32

Tabela 22- Elementos de Oxalá (elaborado pela autora (2018))

morte, pois é o Orixá que também determina o fim da vida. É o momento de desligamento espiritual do material. (ILÊ DE XANGÔ, 2018)

Na religião começamos com Exú ou Bará, que representa o iniciou de tudo, a roda da vida, portanto se Oxalá termina ele é o Orixá que comanda do fim da vida. Devemos encarar a ocorrência da morte como um fator natural assim como os demais assuntos que fazem parte da natureza, tudo tem um início e um fim. Entendemos que a regência desta força é determinada pela energia que é chamada de Oxalá. Ele é o princípio do fim da vida. (ILÊ DE XANGÔ, 2018)

Oxalá é que tem a responsabilidade do equilíbrio das coisas, para se manter suavemente estabilizada em posição de espera ou definição, dependendo do caso, estabelecendo um acordo com a situação. Sendo uma organização terminal de maneira mais pacífica possível. (ILÊ DE XANGÔ, 2018)

Esses são os doze orixás cultuados no Batuque com seu arquétipo e simbologias. As descrições apresentadas são dos Orixás em sua forma "genérica", pois eles podem se desdobrar em vários como é o caso do Bará, bem como, podem aparecer na forma de jovens e velhos, cada pessoa tem o seu orixá que é único.

CAPÍTULO VI

UMBANDA



“Umbanda” é um vocábulo de língua umbundo falada pela tribo do mesmo nome” (KLOPPENBURG, 1961, p. 47). O mito fundador mais conhecido sobre o nascimento da Umbanda seria do médium Zélio de Moraes, o qual foi incorporado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas para anunciar a nova religião, fato que teria ocorrido em 15 de Novembro de 1908 em São Gonçalo/RJ (OLIVEIRA, 2009). Neste momento, a Umbanda se tornaria uma nova religião, a qual também era chamada de baixo espiritismo já que muitas das características da Umbanda se assemelham ao espírito Kardecista. Entre os estudiosos, existem controvérsias sobre o surgimento, segundo Brown,



Figura 35 - Bandeira da Umbanda

Zélio de Moraes, que no relato da sua doença, da posterior cura, e da revelação de sua missão especial para fundar uma nova religião chamada Umbanda fornece aquilo que considero um mito de origem da Umbanda. Não posso estar totalmente certa de que Zélio foi o fundador da Umbanda, ou mesmo que a Umbanda tenha tido um único fundador, muito embora o centro de Zélio e aqueles fundados por seus companheiros tenham sido os primeiros que encontrei em todo o Brasil que se identificavam conscientemente como praticantes de Umbanda (...). Muitos integrantes deste grupo de fundadores eram, como Zélio, kardecistas insatisfeitos, que empreenderam visitas a diversos centros de “macumba” localizados nas favelas dos arredores do Rio de Janeiro e de Niterói.

(BROWN, 1985, p. 10-11)

Tenda Nossa Senhora da Guia, com Durval de Souza; Tenda Nossa Senhora da Conceição, com Leal de Souza; Tenda Santa Bárbara, com João Aguiar; Tenda São Pedro, com José Meireles; Tenda Oxalá, com Paulo Lavois; Tenda São Jorge, com João Severino Ramos; e Tenda São Jerônimo, com José Álvares Pessoa.

(OLIVEIRA, 2009, p. 65)

Ainda segundo o mito do Caboclo das Sete encruzilhadas deveriam ser criados sete templos para propagação da nova religião, os responsáveis também foram indicados pela entidade.

A Umbanda Seria a religião mais brasileira englobando elementos do catolicismo popular do espírito kardecista e das religiosidades indígenas e africanas. Teria

No Rio Grande do Sul Umbanda é regida pela FAUERS- FEDERAÇÃO AFRO UMBANDISTA E ESPIRITUALISTA DO RIO GRANDE DO SUL. É uma entidade sem fins lucrativos a qual orienta e auxilia na regularização de atividades, promove e auxilia projetos para a comunidade;

No âmbito nacional a Umbanda é regida pela FBU- FEDERACAO BRASILEIRA DE UMBANDA. Essa entidade age na legalização dos templos assim como promove cursos de aperfeiçoamento dos sacerdotes. Essa entidade ainda determina o cumprimento do código ético litúrgico da Umbanda.

sido fundado o primeiro templo no estado do Rio Grande do Sul em 1926 na cidade de Rio Grande chamado de templo espírita de umbanda Reino de São Jorge, pelo ferroviário Otacílio Charão. Em 1932 a Umbanda chega a Porto Alegre sendo o primeiro centro criado pelo tenente da Marinha Laudelino de Souza Gomes chamada de Congregação Espírita dos Franciscanos de Umbanda (ORO, 2002. LEISTNER, 2014).

Conforme Silva (1994, p. 121) As entidades da Umbanda situam-se entre as concepções dos deuses africanos, os orixás espíritos de muita luz que são cultuados com características específicas. E Os espíritos dos mortos de influência kardecista (SILVA, 1994). Assim devido à grande quantidade de entidades que são cultuadas, a Umbanda foi organizando-se em linhas, falanges ou legiões, todas guiadas por um orixá principal. Assim criaram-se sete linhas¹⁶ dentro de cada linha pode haver diversas divisões, porém, seguindo sempre a numerologia de sete. Entretanto, não existe um consenso entre os terreiros a respeito da composição das sete linhas.

¹⁶Embora não haja um consenso entre as linhas as mais citadas são as que estão expostas acima conforme vários autores (Negrão, 1996; Brown, 1985; Ortiz, 1991)

LINHAS DA UMBANDA



Figura 36 - Linhas da Umbanda

Dessa forma as sete linhas da Umbanda seriam,

1ª – Linha de Oxalá: Representa a fé, a religiosidade.

2ª – Linha de Iemanjá ou Linha do Povo D'água: Representa o Amor e a Geração. Também trabalham nesta Linha os Orixás Oxum e Nanã. Falange que governa a maternidade.

3ª – Linha de Oxóssi (caboclos): Representa o Conhecimento, a Fartura e o Trabalho. Estimulam o raciocínio. Falange que trabalha com a cura através das ervas.

4ª – Linha de Xangô: Representa a Justiça. Falange que estimula a justiça e a razão.

5ª – Linha de Ogum: Representa a Lei. Trabalha com as demandas da fé as dificuldades da vida e mantém a ordem.

6ª – Crianças: Essas entidades, altamente evoluídas, externam pelos seus cavalos, maneiras e vozes infantis de modo sereno, às vezes um pouco vivas. Quando no plano de protetores, gostam de sentar no chão e comer coisas doces, mas sem desmandos. Seus pontos cantados são melodias alegres e algumas vezes tristes, falando muito em Papai e Mamãe de céu e em mantos sagrados.

7ª – Também chamada de Linha das Almas (pretos-velhos), essa linha é composta dos primeiros espíritos que foram ordenados a combater o mal em todas as suas manifestações. São os Orixás Velhos, verdadeiros magos que velando suas formas cármicas, revestem-se das roupagens de Pretos-Velhos ensinando e praticando as verdadeiras "mirongas". Eles são a doutrina, a filosofia, o mestrado da magia, em fundamentos e ensinamentos. Geralmente gostam de trabalhar e consultar sentados, fumando cachimbo, sempre numa ação de fixação e eliminação através de sua fumaça.(ESTUDOS DA UMBANDA, 2009)

Conforme Correia (2006) as principais características da Umbanda são:

A predominância dos elementos africanos de cultura banto.

O iniciado pode ser possuído por várias divindades alternadamente, sabe de sua possessão.

As entidades espirituais podem ser os "espíritos obscuros", ou os "guias", os caboclos, preto-velhos e orixás, esses orixás pertencem a uma categoria chamada de "orixás da umbanda" semelhantes aos do Candomblé baiano.

A cor das vestes do ritual é o branco.

Cantos em português com inserção de algumas palavras africanas, de origem banto.

Inexistência do sacrifício de animais.

A iniciação não implica em estabelecimento de vínculo indissociável.

As sessões rituais iniciam-se por volta das 20 – 20:30 horas e raramente ultrapassam a meia noite.

As divindades não têm "assentos", objetos ritualmente consagrados, mas sim imagens industrializadas de gesso.

Não há cerimônia para os mortos.

Reúnem formalmente, no ritual, elementos culturais: africanos (banto e Jeje-Nagô, luso-brasileiros, inspiração indígena oriental, kardecista).

Denominação de "irmã" e "irmão" para os sacerdotes. A autoridade dos chefes é pouco rigorosa. Os chefes estão consideravelmente submetidos a fiscalização de federações do culto.

Bebidas alcoólicas e tabaco fazem parte do ritual.

O salão é dividido em dois espaços limitados, um para os trabalhos e outro para os assistentes.

Colares rituais com geralmente 03 cores.

Possui corpo doutrinário estabelecido e expresso com ampla bibliografia onde buscam conhecimento (embasado no Kardecismo).

Promove uma ou mais sessões rituais por semana.

Tabela 23 - Características da Umbanda (tabela adaptada pela autora)

Outra importante característica da Umbanda é o fato de o médium incorporar mais de uma entidade, neste caso podendo incorporar uma entidade de cada falange.

A religião umbandista cultua entidades que tiveram experiência de vida na terra como é o caso dos “preto velhos” que são os espíritos de antigos escravos, cultua-se também o espírito dos índios na linha de “caboclos”. Além desses cultua-se também os “bejis” os quais são espíritos das crianças que no secretismo com a religião católica seriam São Cosme e São Damião. Além desses cultuados as

falanges africanas dos orixás e a “falange” dos povos do oriente mais conhecida como o “povo cigano” que foi transformado mais tarde na linha de Exu (ORO, 2008)

Conforme Oro(2008) a linha do povo cigano não constitui especificamente uma falange, mas é bastante respeitada, conforme Brumana e Martinez, (1991, Apud, MACEDO, 2014, p.20), “Existem algumas linhas, como a linha do Oriente, a respeito da qual não há muita informação. Apesar de não pertencer às sete linhas, ela ocupa uma função simbólica tão significativa quanto elas, no universo umbandista. Não se sabe quando, iniciou a linha do oriente (Brumana & Martinez, 1991)” (MACEDO, 2014, p. 20).



Figura 37 - Cerimônia de Umbanda

DIVINDADES AFRICANAS

DENTRO DA UMBANDA

FALANGE AFRICANA	ENTIDADES	COMIDAS	SINCRETISMO
Ogum	Beira mar, das matas, da rua, tireiteima, rompe-mato, Tibiri	Churrasco e Carveja	São Jorge
Iansã	Mata e cachoeira	Pipoca e frutas	Santa Barbara
Xangô	Pedreira	Amalá e frutas	São Jerônimo
Oxóssi	Mata	Costela de porco	São Sebastião
Xapanã	Mata	Frutas	São Lázaro
Oxum	Cachoeira, água doce	Canjica amarela	Nossa Senhora
Iemanjá	Água	Canjica branca	Nossa Senhora dos Navegantes
Oxalá	Ar	Canjica branca	Jesus Cristo

Tabela 24 - Entidades africanas cultuadas na umbanda gaúcha
Fonte: (ORO, 2002, p. 378).

As falanges africanas cultuadas dentro da Umbanda seguem as características dos orixás do Batuque sempre respeitando suas peculiaridades e como pode-se perceber a Umbanda cultua oito orixás e não doze, como o Batuque. Já os Pretos-velhos e caboclos cultuados no Rio Grande do Sul, são entidades não sincretizadas com a religião católica, tendo nomes próprios e formas de atuação distintas.



Figura 38 - Gira de Umbanda

PRETOS-VELHOS	CABOCLOS
Pai Antônio	Pena Verde
Pai Matias	Folha Verde
Pai Cipriano	Iara
Pai Joaquim	Jupira
Pai João	Jurema
Pai Jacó	Arranca-toco
Pai Antônio do Congo	Sete Flechas
Pai Moçambique	Rompe-mato
Pai Thomas	Ventania
Pai Miguel das Almas	Jussara
Pai João de Angola	Pena Branca
Pai Benedito	Ubirajara Peito de Aço
Pai Miguel de Aruanda	Tupinambá
Mãe Maria	Tupi
Mãe Maria Conga	Tupã
Mãe Joaquina	Ubirajara
Mãe Benedita	Ubiratã
Tia Chica de Angola	Aimoré
Vovó Sebastiana	Guaraci
Vovó Benedita	Água Branca
Vovó Catarina	Tamoio
Vovó Cabinda	Guarani
Vovó Luiza	Estrela do Mar
	Sereia do Mar
	Jandira
	Jacira
	Cabocla da praia
	Cabocla das sete ondas
	Estrela D'Alva
	Estrela Itavara

Tabela 25 - Preto Velhos e Caboclos (Oro, 2002, p. 378, p. 381)



Figura 39 - Pretos e Pretas Velhos



Figura 40 - Caboclo

PRETO-VELHO

Dentro dos terreiros os pretos-velhos são muito queridos e homenageados em seu dia festivo, o dia 13 de maio, não por coincidência o dia 13 de maio é a data de em que foi assinada a Lei áurea e a abolição da escravidão no Brasil foi decretada. Neste dia os terreiros se mobilizam e prestam as suas carinhosas homenagens aos chamados “pretos velhos” os quais são entidades de muita luz e humildade.

Dentro da religião umbandista a falange de pretos- velhos é muito respeitada, são guias espirituais de grande sabedoria, emanam muito amor e atenção a todos aqueles que recorrem aos seus serviços pedindo orientação espiritual. Sempre sentadinhos em seus banquinhos benzem os consulentes com ramos de arruda e defumam com seus cachimbos os filhos, receitam remédios e tratamentos caseiros para os males do corpo e da alma. São chamados de “mandingueiros”¹⁷, pois manipulam sabiamente o conhecimento das ervas e elementos da natureza.



Figura 41 - Preto e Preta velho

Todos os pretos velhos possuem nomes próprios, muitas vezes fazendo referência ao local de onde era/é, o que permite aos simpatizantes e praticantes da religião identificar a sua atuação (falange e especialidade) de acordo com identificação pessoal, por exemplo:

- Congo (Pai Francisco do Congo) – refere-se a pretos velhos ativos na linha de Iansã;

- Aruanda (pai Francisco de Aruanda) - refere-se a pretos velhos ativos na linha de Oxalá (Aruanda quer dizer céu);

- D'Angola (Pai Francisco D'Angola) – refere-se a pretos velhos ativos na linha de Ogum;

- Matas (Pai Francisco das Matas) – refere-se a pretos velhos ativos na linha de Oxóssi;

- Calunga, Cemitério ou das Almas (Pai Francisco da Calunga, Pai Francisco do Cemitério ou Pai Francisco das Almas) – refere-se a pretos velhos ativos na linha de Omolu/ Obaluaiê; (ESTUDOS DA UMBANDA, 2009; UMBANDA DE DEUS, 2017; RAIZES ESPIRITUAIS, 2017)

Essas entidades podem aparecer também com a identificação de tio, tia, vovô ou vovô, no entanto todos pertencem à linha de pretos velhos. (ESTUDOS DA UMBANDA, 2009; CENTRO PAI JOÃO DE ANGOLA, 2017)

O preto velho, quando incorporado nos médiuns, apresenta-se como o espírito de um negro escravo muito idoso que, por isso, anda todo curvado, com muita dificuldade, o que faz permanecer a maior parte do tempo sentado num banquinho fumando pacientemente seu cachimbo. Esse estereotipo representa a idealização do escravo brasileiro que, mesmo tendo sido submetido a mais tratos da escravidão, foi capaz de voltar a terra para ajudar a todos, inclusive aos brancos, dando exemplo de humildade e resignação.

(SILVA, 1994, p.121)

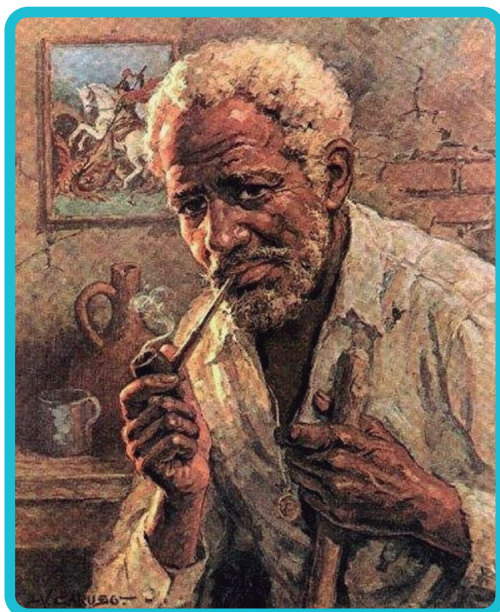


Figura 42 - Preto-velho

¹⁷Feiticeiro.

DIA DA SEMANA	Segunda feira
LINHA DE TRABALHO	Evolução, transmutação e transformação
COR	Rosa, preto e branco
ELEMENTOS DE TRABALHO	Ervas (alecrim, arruda, guiné, manjerição, boldo, folha de fumo, louro, manjerona, sálvia, quebra demanda levante); - Palha da costa cruzeiros de madeira, pipocas, pomba branca, terços de lágrimas de Nossa senhora. - Fumo;
PEDRA	Turmalinas negras, cristal, ônix branco ou preto e quartzo branco.
COMIDAS	Feijão mexido, couve refogada, farofa, pé-de-moleque, paçoca de amendoim, rapadura, cocada, bergamota, banana, côco, bolo de milho, merengue rosa. No Rio Grande do sul pode ser oferecida paçoca de pinhão, pipoca
FLORES	Flores rosa e flores do campo
VELAS	Branca; Branca e preta; Roxo, lilás, violeta

Tabela 26 – Elementos de Preto velho (elaborado pela autora (2018))

CABOCLOS

A linha de caboclos cultuadas na Umbanda é outra falange de importante destaque. Tem seu dia comemorado no dia 20 de janeiro data do orixá Oxóssi que é o patrono das matas. Muitas vezes confunde-se a entidade de caboclo com a do Orixá, no entanto os caboclos pertencem à linha de Oxóssi muito embora possam existir caboclos de “vários orixás”, por exemplo: Caboclo Pena Branca: de Óxóssi e Oxalá; Caboclo Pena Dourada: de Oxóssi e Oxum; Cabocla do Mar: de Iemanjá; Caboclo Sete Montanhas: de Oxalá e Xangô.

Os caboclos estão organizados em várias linhas, entre elas a dos guerreiros, caçadores, curandeiros, etc. Assim como os pretos velhos, os caboclos trabalham para o desenvolvimento espiritual, são espíritos de muita luz, possuem grande conhecimento nas ervas e também manipulam seus ativos sabiamente utilizando

os elementos da natureza para resolução de problemas de saúde. Além das erva eles utilizam pembas¹⁸, velas, essências, flores, pedras, frutas, vinho, sumo de ervas, raízes, cipós e sementes para realização de seus trabalhos. Nos terreiros de Umanda os caboclos são muitas vezes requeridos para auxiliar no desenvolvimento mediúnico dos médiuns. (UMBANDA DE CARIDADE, 2017)

Usam charutos e fumos à base de ervas para defumar o ambiente e as pessoas presentes, recolhendo e neutralizando as cargas densas que os envolvam. (o que é muito comum em qualquer sessão de Umbanda a chamada defumação¹⁹, no entanto, neste caso cada linha pode fazer a sua maneira). As sessões de caboclos são sempre muito alegres, cantam e dançam remetendo as festas tribais, quando incorporados em seus filhos possuem algumas características perceptíveis e destinadas como o estalar dos dedos, bater no peito de dar bravos, assim como, esticar os braços em direção ao altar em sinal de respeito aos deuses. (UMBANDA DE CARIDADE, 2017)

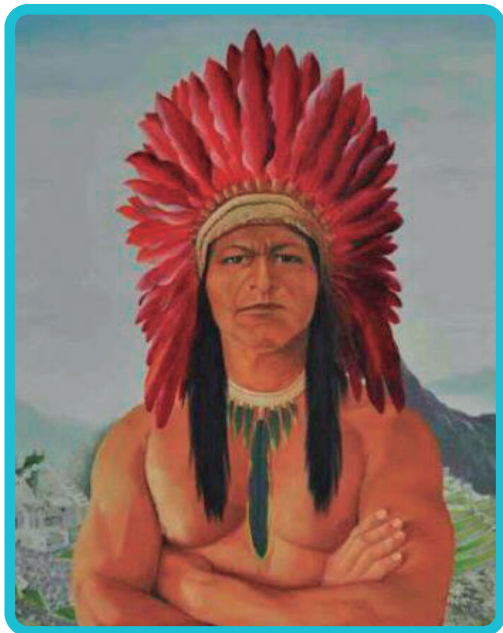


Figura 43 - Caboclo

O ato de estalar os dedos age de forma a reequilibrar a rotação dos chakras do corpo e descarregar as energias negativas, a mão esquerda absorve as negatividades do consulente e da direita passa boas energias. Bater no peito ativa o chakra cardíaco do médium e equilibra suas emoções, possibilitando uma sintonia mais apurada com o consulente para a efetivação de um bom trabalho espiritual. O gesto de estender os braços (ou um braço) para o altar simboliza que o caboclo está lançando uma “flecha energética”, que ativa os poderes e forças assentados e firmados no terreiro, conforme a necessidade do trabalho espiritual a realizar. Assim, todos os atos de um caboclo possuem um sentido, agindo como uma espécie de mantra que acalma e ajuda a equilibrar as energias. (UMBANDA DE CARIDADE, 2017)

Quase sempre os caboclos vêm na mesma linha do Orixá masculino da coroa do médium valendo a mesma regra para as caboclas, porém, eles (as) podem vir também na frequência do seu próprio orixá de quando encarnados e até mesmo na frequência do povo do Oriente (diferenças com o Batuque, onde o médium por ser ocupado apenas pelo orixá dono de sua cabeça). (CENTRO PAI JOÃO DE ANGOLA, 2017)

Outra possível organização dos caboclos é de acordo com a sua especialidade de cura, reza, guerra... e a personalidade que tem relação com o orixá chefe, conforme já citado anteriormente podem haver caboclos em várias linhas de vários orixás.

Os caboclos são os espíritos “donos da terra” e representam os índios que aqui viviam antes da chegada dos brancos e negros. Quando baixam nos terreiros, vestem-se com cocar de pena, dançam com arco e flecha, fumam charutos e bebem vinho, geralmente falam um português antigo e quase incompreensível. Muitos deles são extremamente católicos e suas preces e louvações lembram os tempos coloniais de sua catequese. Por serem conhecedores da medicina local e dos segredos da mata, são famosos como curandeiros e feiticeiros.

(SILVA, 1994, p. 89)

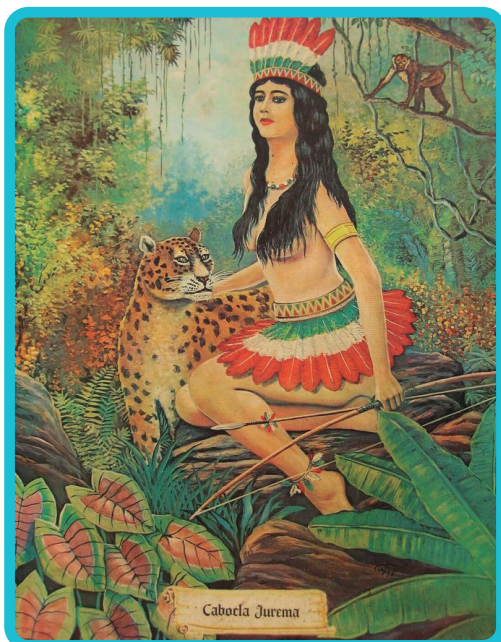


Figura 44 - Cabocla Jurema

“Chakras do sânscrito - são os centros de força situados no corpo energético e que têm como função principal a absorção de energia - prana , chi - do meio ambiente para o interior do campo energético e do corpo físico. Além disso, servem de ponte energética entre o corpo espiritual e o corpo físico. Os principais chakras são sete – que estão conectados com as sete glândulas que compõem o sistema endócrino: coronário, frontal, laríngeo, cardíaco, umbilical, sexual e básico.

(MACEDO, 2014, p. 20)

Abaixo alguns exemplos:

- **Caboclos De Oxum:** Geralmente são suaves e costumam rodar. Trabalham mais para ajuda na cura de doenças psíquicas, como: depressão, desânimo entre outras. Dão bastante passe tanto de dispersão quanto de energização. Aconselham muito, tendem a dar consultas que façam pensar; Seus passes quase sempre são de alívio emocional.

- **Caboclos De Ogum:** Sua incorporação é mais rápida e mais compactada ao chão, não rodam. Consultas diretas, geralmente gostam de trabalhos de ajuda profissional. Seus passes são na maioria das vezes para doar força física, para dar ânimo.

- **Caboclos De Iemanjá:** Incorporam de forma suave, porém mais rápidos do que os de Oxum, rodam muito, chegando a deixar o médium tonto. Trabalham geralmente para desmanchar trabalhos, com passes, limpeza espiritual, conduzindo essa energia para o mar.

- **Caboclos De Xangô:** São guias de incorporações rápidas e contidas, geralmente arriando o médium no chão. Trabalham para: emprego; causas na justiça; imóvel e realização profissional. Dão também muitos passe de dispersão. São diretos para falar.

- **Caboclos De Nanã:** Assim como os Pretos-velhos são mais raros, mas geralmente trabalham aconselhando, mostrando o karma e como ter resignação. Dão passes onde levam eguns que estão próximos. Sua incorporação igualmente é contida e pouco dançam.

¹⁸É uma espécie de giz, utilizado para riscar o “ponto” (ponto é em palavras mais simples a assinatura da entidade). É utilizada nos terreiros antes do início das sessões ou quando alguma entidade solicita. Pemba é também o nome de uma Ilha que faz parte do arquipélago de Zamzibar ao largo da Costa da Tanzânia no Oceano Índico.

¹⁹A defumação faz parte do ritual, normalmente ocorre no início das sessões e também quando necessária em algum ritual, no cinzeiro onde esta o carvão em forma de brasa também são colocadas algumas ervas para ajudar na purificação dos médiuns aquela fumaça é “passada”em todo o corpo, inclusive na palma das mãos e sola dos pés para “limpar”.



Figura 45 - Caboclo

- **Caboclos De Iansã:** São rápidos e deslocam muito o médium. São diretos para falar e rápidos também, muitas das vezes pegam a pessoa de surpresa. Geralmente trabalham para empregos e assuntos de prosperidade, pois Iansã tem grande ligação com Xangô. No entanto sua maior função é o passe de dispersão (descarrego). Podem ainda trabalhar para várias finalidades, dependendo da necessidade.

- **Caboclos De Oxalá:** Quase não trabalham dando consultas, geralmente dão passe de energização. São "compactados" para incorporar e se mantém localizado em um ponto do terreiro sem deslocar-se muito. Sua principal função é dirigir e instruir os demais Caboclos.

- **Caboclos De Oxossi:** São os que mais se locomovem, são rápidos e dançam muito. Trabalham com banhos e defumadores, não possuem trabalhos definidos, podem trabalhar para diversas finalidades. Esses caboclos geralmente são chefes de linha.

• **Caboclos De Obaluaiê:** São espíritos dos antigos "pajés" das tribos indígenas. Raramente trabalham incorporados, e quando o fazem, escolhem médiuns que tenham Obaluaiê como primeiro Orixá. Sua incorporação parece um Preto-velho, em algumas casas locomovem-se apoiados em cajados. Movimentam-se pouco. Fazem trabalhos de magia, para vários fins. Abaixo algumas especificidades dos Caboclos. (CENTRO PAI JOÃO DE ANGOLA, 2017)

LINHA DE TRABALHO	Conhecimento, comunicação, expansão do ser pelo aprendizado; prosperidade em todos os setores; fartura; cura espiritual e material
OFERENDAS	É a mata, onde recebem oferendas.
COR	Sua cor preferencial é o verde. Na confecção das guias ou colares, alguns Terreiros usam contas de cor verde transparente para as Caboclas e verde leitoso para os Caboclos. Outros utilizam contas brancas e verdes, bem como sementes.
PEDRA	Quartzo verde; as Pedras verdes em geral (Amazonita, Crispázio, Jade, Esmeralda, Turmalina Verde, relacionadas ao Orixá Oxóssi).
FLORES	Todas, principalmente flores do campo; samambaia.
VELAS	Verdes; ou bicolores branca/verde.
SAUDAÇÃO	Okê, Caboclo!

Tabela 27 – Elementos de Caboclo (elaborado pela autora (2018))

BEJIS

Os Bejis são os orixás crianças e todas as homenagens são oferecidas a eles no dia 27 de setembro. São crianças gêmeas, sincretizadas com São Cosme e São Damião, protetores das crianças e adolescências, ou seja, até os 12 anos de idade. Relacionados a tudo que “brota” que se “inicia” tudo que é novo, que nasce. Os Bejis Ajudam a todos sem pedir nada em troca, no entanto, se lhes for prometido algo é necessário cumprir, pois não se pode enganar um Beji sob pena de perder o gosto pela vida. (UMBANDA FILHOS DE FÉ, 2007; UMBANDA DE CARIDADE, 2011)

A Gira das “Crianças” é considerada pelos Umbandistas um momento de grande alegria, onde as vibrações de esperança e descontração reafirmam a certeza de que a vida há de ser sempre bela e alegre. É importante saber que o

orixá Beji não “incorpora” na Umbanda, pois são representados pelas “crianças” que se manifestam nos médiuns e gostam de ganhar doces, brinquedos, frutas, etc. (UMBANDA DE CARIDADE, 2017)

A Falange das Crianças é uma das poucas falanges que consegue dominar a magia. Embora as crianças brinquem, dançam e cantem, exigem respeito para o seu trabalho, pois atrás dessa vibração infantil, se escondem espíritos de extraordinários conhecimentos. Assim temos uma grande quantidade de entidades que vem para dar ajuda aos que recorrem aos seus trabalho. (UMBANDA DE CARIDADE, 2017)



Figura 46 – Bejis

DIA	27 de Setembro
CORES	Azul e rosa
COMIDAS	Doces, suco de frutas e refrigerante
DOMÍNIOS	Parques e jardins
ATUAÇÃO	Proteção das crianças, doenças e feitiços
SAUDAÇÃO	Oni - beijada
ELEMENTO	Terra

Tabela 28 – Elementos de Bejis (elaborado pela autora (2018))

O sistema umbandista é aberto, ou seja, linhas e classes surgem, unem ou subdividem a religião conforme a necessidade de espelhar as cicatrizes desprezadas e esquecidas no cenário social e político do país. Um processo de ‘recriação’ provavelmente interminável, no qual a aparente finalidade é atender as necessidades dos espíritos em consonância com algumas demandas dos fiéis que compreenda as lacunas da humanidade. atenta ao sofrimento alheio, a umbanda tenta reparar danos históricos subjetivos e sociais.

(MACEDO, 2014, p. 20)

Dessa forma, a Umbanda é uma religião nascida no Brasil, que busca diminuir as diferenças sociais que a sociedade cria, é uma religião que acolhe todas as pessoas independente de sua cor ou posição social. Com seu foco voltado para ajudar o próximo.

CAPÍTULO VII

LINHA CRUZADA



Das correntes afro gaúchas a Linha cruzada ou Quimbanda (ORO, 2002) foi a última aparecer, desenvolveu-se no Estado em “fins da década de 1950 e início da década de 1960, época em que começa a aparecer um grande número de sacerdotes identificados com os terreiros cruzados” (LEISTNER, 2014, p.139). Hoje a Linha Cruzada é mencionada como a corrente mais expressiva no Rio Grande do Sul, estima-se que cerca de 80% das casas de religião sejam de Linha Cruzada (ORO, 2002; 2008. Correa, 2006) esse aumento expressivo, se dá em virtude de causas sócio econômicas, ou seja, as obrigações e os aprontes são mais acessíveis com menos exigências além de ocorrerem em menor tempo do que no Batuque e na Umbanda (CORREA, 2006). Conforme Leistner,



Figura 48 - Exu e Gira

A Linha Cruzada surge de uma aproximação entre o Batuque e a Umbanda motivada pelas trajetórias de determinados agentes religiosos que, após a iniciação em uma dessas vertentes, aderiram à segunda passando a arregimentar em seus templos ambas as práticas. Na maioria dos templos cruzados surgidos no estado é detectável uma nítida separação das atividades práticas de cada denominação.

(LEISTNER, 2014, p. 133)

A maior característica da Linha Cruzada é cultuar em seus templos o Batuque e a Umbanda, no entanto, de acordo com Leistner (2014), as práticas ocorrem de forma isolada, separadas, ou seja, quando a sessão é de batuque não se pratica ritual de Umbanda e vice versa, “O batuque cultua apenas orixás e a umbanda caboclos e pretos-velhos, a linha cruzada reúne-os no mesmo templo, cultuando além deles, também os exus e suas mulheres míticas, as pombagiras” (CORREA, 1998, p. 48), entretanto o culto aos Exus não acontece em sessão de batuque o que na sessão de umbanda pode ocorrer, porém não tem a mesma “prioridade” como as entidades específicas da corrente.

Somente após a inserção na Linha Cruzada, via sua presença tímida na Umbanda, que o culto àquelas divindades sofrerá profundas alterações. São essas mudanças que irão engendrar uma nova forma religiosa, que a partir de então será auto-referenciada como Quimbanda, com ritos e sistema de crenças próprios, bem como com uma visão de mundo e um ethos particulares.

Esse processo será favorecido, inicialmente, pelas próprias características de composição da Linha Cruzada. Uma vez que esse arranjo de vertentes se distinguiu por um apartamento simbólico preciso das denominações agregadas (Batuque e Umbanda), é justamente a partir de uma espécie de espaço neutro compreendido entre essas duas vertentes que se desenvolverá um novo sistema religioso. Nessa perspectiva, o que está sendo chamado neste trabalho de Quimbanda (gaúcha) surgirá como uma ressignificação da presença tímida ou dissimulada dos Exus e Pombagiras na Umbanda, a partir de uma relativa continuidade estabelecida com elementos simbólicos umbandistas e da agregação de novos signos fornecidos e influenciados pelo Batuque. A Quimbanda, que se desenvolverá a partir de então.

(LEISTNER, 2014, p.141-142)

O culto destaque as entidades cultuadas na Linha cruzada (Exus e Pombagiras) ocorre nos terreiros de Quimbanda que surge.

Assim, as entidades cultuadas na Quimbanda “são os exus e suas mulheres míticas, as Pombagiras” (ORO, 2008). As sessões de Quimbanda eram “realizadas nas avançadas horas da noite em sessões fechadas do terreiro de umbanda” (PRANDI, 2005, p. 85). Conforme Prandi a Quimbanda também pode ser entendida como uma linha da Umbanda, a qual devido a sua expressividade ganhou uma denominação própria, a Linha Cruzada, com um culto próprio aos Exus e Giras onde podem trabalhar com todo o seu esplendor e assim como na Umbanda realizar trabalhos de caridade (PRANDI, 2005).

Quimbanda gaúcha as referências aos “reinos” ou “linhas” variam não apenas entre um terreiro e outro, mas na opinião dos próprios médiuns de um mesmo templo. O que se demonstra como recorrente é que cada reino se relaciona com os domínios espaciais dos Exus, sendo referidos na soma de sete. Alguns falam em reino das almas, da calunga, do cruzeiro, da encruzilhada, da praia, da mata e dos ciganos. Outros podem sugerir alternâncias, retirando alguns reinos citados e inserindo novas linhagens ou povos, como povo do morro, do cabaré, da estrada, da praça e do inferno. Seja qual for a quantidade ou nome dos reinos mencionados, o fato é que cada uma das identidades genéricas dos Exus pode estar subdividida de acordo com cada um desses múltiplos reinos.

(LEISTNER, 2014.p. 218)

Na cultura praticada no Rio Grande do Sul e neste trabalho vamos restringir a análise, aos Exus e Pombagiras²⁰ cultuados na Linha Cruzada gaúcha, conforme tabela 29.

As entidades específicas da Linha Cruzada- Quimbanda citadas neste trabalho são dividas em cruzeiro, cemitério, praia e mata baseadas na pesquisa e bibliografia do professor Ari Pedro Oro (2002, 2008). Tais entidades compreendem os desejos humanos por já terem usufruído da vida terrena, assim, é comum verificar nos despachos em encruzilhadas, bebidas e cigarros, os quais normalmente são oferecidos, além claro, de animais. As entidades relativas ao cruzeiro simbolizam a vida, a festa, a alegria, contrário obviamente ao do cemitério onde estão às entidades responsáveis pelas almas dos desencarnados. Outro ponto importante a ser citado são os tipos de encruza, as que tem formato “X” são dos Exus e as que tem formato “T” das pombagiras.

	EXU	POMBAGIRA
CRUZEIRO	Tiriri	Da Estrada
	Marabó	Das Almas
	Sete Cruzeiros	Rainha das Sete Encruzilhadas
	Destranca Ruas	Das Sete Saias
	Rei das Sete Encruzilhadas	Maria Padilha
	Tranca Ruas	Cigana do Acampamento
	Da Porteira	Menina
	Zé Pelintra, Pantera Negra	Do Oriente, Rosa Vermelha
	Da Capa Preta, Quebra Galho, Ventania, Sete Pedras, Sete Chaves, Sete Portas, Tranca Tudo	
CEMITÉRIO	Exu Pagão	Das Almas
	Exu do Cemitério	Do Forno
	Pinga Fogo	Maria Quitéria
	Caveira	Maria Mulambo
	Tata Caveira	
	Da Meia-Noite	
	Exu Lana	
	Quilombo	
PRAIA	Do Lodo, Maré	Da Praia, Cigana da Praia
MATA	Pantera Negra	Tucura

Tabela 29 - Exus celebrados na Linha Cruzada gaúcha (tabela adaptada pela autora)

Fonte: (ORO, 2002, p.381-384).

O surgimento da Linha Cruzada trouxe consigo algumas polêmicas²¹ entre os “mais velhos” já que algumas práticas que seriam “fundamento” estão se perdendo. Para alguns estudiosos, a Linha Cruzada seria a incorporação de elementos do Batuque e da Umbanda, tornando assim mais poderosa e resistente sua fé. No entanto, a Linha Cruzada também é considerada o lado obscuro da Umbanda, cultuando apenas Exus e Pombagiras.

O pré-conceito de ser o lado obscuro da Umbanda se dá pela mentalidade egoísta do ser humano o qual visto em uma situação de desespero deseja o mal de outrem, no entanto, a entidade de luz a qual está sendo solicitada não ira trabalhar em tal demanda. Entretanto, não se pode negar a existência de casas e entidades que trabalhem em prol do que lhes for pedido, trocando seus serviços por migalhas e deixando toda a responsabilidade de seus atos para aqueles que lhe pediram “o mal quando acontece, é sempre interpretado como consequência perversa da prática do bem”. (PRANDI, 2005, p. 85)

²⁰MENEZ, Lila. Orixás e entidades da Umbanda e do Candomblé: Reino de Exú na Quimbanda (Kimbanda); REI do Vudu: 7 linhas da Quimbanda; DIEGO de Oxossi: Quimbanda: Magia De Exu E Pombagira.

²¹Um livro publicado em 2009 por Alves (2009, p. 10-61, Apud, ORO, 2012, p. 560 – 561), intitulado “Adeus aos orixás”, faz eco e explicita de forma cristalina as críticas mais contundentes que são repetidas no meio afro-religioso rio-grandense contra o forte avanço da Quimbanda e do culto aos Exus e Pombagiras. De fato, o escritor afro-religioso Lindomar Alves, expressa nesse livro o seu desabafo, revolta e denúncia contra o que considera o menosprezo e a marginalização do Batuque e da Umbanda em favor da Quimbanda. Afirma esse autor que respeita “os Exus, as Pombas Giras, caboclos, pretos velhos, orixás e todo o plano espiritual. Só não aceito tanta safadeza e imoralidade em nome dos Exus” (Alves, 2009, p. 52). Mais enfaticamente, sustenta que os que levam avanti a Quimbanda são “aproveitadores, mentirosos e aventureiros” e que em seus rituais predominam “alcoolismo, prostituição e vícios os mais diversos” (p. 10); “belos visuais, muita festa com bebidas e profanação, quando não até imoral” (p. 33). Lamenta que “hoje impera a mentira e a mistificação” (p. 39). Resta, segundo ele, “a ira dos orixás, nesta revolta dos deuses com tantas patifarias que chamam de religião” (p. 40). Além disso, invoca as autoridades para assumirem uma atitude, estarem de alerta, fazerem a sua parte, diante da “vigiarice e safadeza que extrapolou demais: alcoolismo, prostituição e drogas não tem nada a ver com religião” (p. 41). Toda esta deturpação, segundo ele, conduziu a um só resultado: “a revolta, a ira dos orixás, os santos estão fugindo dos Ilês [...] os santos as abandonaram e se continuar assim podem dar “Adeus aos Orixás” (p. 61). E arremata: “não enlouqueci não; a verdade tem que ser dita [...]. A continuar assim podemos dar ‘adeus aos orixás’ e será o fim do batuque, aliás, está aí o fim” (p. 63).

EXUS

A figura de Exu poderíamos dizer que passa a ser quase que “folclórica” usada em muitos momentos, é conhecido de norte a sul do Brasil. Com a diáspora africana para as Américas a figura do Exu assumiu diversas facetas, mas a mais perturbadora e diga-se de passagem mais injusta seria a sincretização com o demônio por manipular forças das trevas, entretanto, isso não significa que são entidades malignas, apenas que sabem como proteger seus filhos do mau. Exu também é aquele que se saúda primeiro, o que come primeiro, é o dono e senhor das encruzilhadas.

Exu ganha o poder sobre as encruzilhadas

Exu não tinha riqueza, não tinha fazenda, não tinha rio, não tinha profissão, nem artes, nem missão.

Exu vagabundeava pelo mundo sem paradeiro.

Então um dia, Exu passou a ir à casa de Oxalá.

lá à casa de Oxalá todos os dias.

Na casa de Oxalá, Exu de distraía, vendo o velho fabricando os seres humanos.

Muitos e muitos também vinham visitar Oxalá, mas ali ficavam pouco, quatro dias, oito dias, e nada aprendiam.

Traziam oferendas, viam o velho orixá, apreciavam a sua obra e partiam.

Exu ficou na casa de Oxalá dezesseis anos.

Exu prestava muita atenção na modelagem e aprendeu como Oxalá fabricava as mãos, os pés, a boca, os olhos, o pênis dos homens, as mãos, os pés, a boca, os olhos, a vagina das mulheres.

Durante dezesseis anos ali ficou ajudando o velho orixá.

Exu no perguntava.

Exu observava.

Exu prestava atenção.

Exu aprendeu tudo.

Um dia Oxalá disse a Exu para ir postar-se na encruzilhada por onde passavam os que vinham à sua casa.

Para ficar ali e não deixar passar quem não trouxesse uma oferenda a Oxalá.

Cada vez mais havia e mais humanos para oxalá fazer.

Oxalá não queria perder tempo recolhendo os presentes que todos ofereciam.

Oxalá nem tinha tempo para as visitas.

Exu tinha aprendido tudo e agora podia ajudar Oxalá.

Exu coletava os ebós para Oxalá.

Exu recebia as oferendas e as entregava a Oxalá.

Exu fazia bem o seu trabalho e oxalá decidiu recompensá-lo.

Assim, quem viesse à casa de oxalá teria que pagar também alguma coisa a Exu.

Quem estivesse voltando da casa de oxalá também teria que pagar alguma coisa a Exu.

Exu mantinha-se sempre a postos guardando a casa de Oxalá.

Armado de um ogó, poderoso porrete, afastava os indesejáveis e punia que tentasse burlar sua vigilância.

Exu trabalhava demais e fez ali a sua casa, ali na encruzilhada.

Ganhou uma rendosa profissão, ganhou seu lugar, sua casa.

Exu ficou rico e poderoso.

Ninguém pode mais passar pela encruzilhada sem pagar alguma coisa a Exu.

(PRANDI, 2001, p. 40-41)

Exu na sua essência africana seria o orixá mensageiro, aquele que faz a ligação entre o plano dos homens e dos deuses, é também o Orixá que negocia. Muitas das expressões religiosas que o cultuam tem variação de acordo com a região, local e cerimônia praticada, por exemplo, na Umbanda ele é cultuado, mas não com o mesmo destaque que na Quimbanda onde tem o seu culto, e assume seu papel e posição de maneira forte.

Exu “tem um caráter suscetível, violento, irascível, astucioso, grosseiro, vaidoso, indecente”, de modo que “os primeiros missionários, espantados com tal conjunto, assimilaram-no ao Diabo e fizeram dele o símbolo de tudo o que é maldade, perversidade, abjeção e ódio, em oposição a bondade, pureza, elevação e amor a Deus”

Conforme Pierre Verger (1999, p.119, Apud, PRANDI, 2005, p. 68),

A figura do Exu é caracterizada pela sua força, pela masculinidade, e conhecimentos míticos, considerado como o mensageiro e também aquele que protege, normalmente efetua as limpezas espirituais (poderíamos de uma forma ilustrativa dizer que o Orixá Bará seja o chefe dos Exus) é também aquele que trabalha rápido, no entanto, ainda existe

Quando incorporado no transe ritual, Exu veste-se com capa preta e vermelha e leva na mão o tridente medieval do capeta, distorce mãos e pés imitando os cascos do diabo em forma de bode, dá gargalhadas soturnas que se imagina próprias do senhor das trevas, bebe, fuma e fala palavrões, Nada ver com o traquinas, trapaceiro e brincalhão mensageiro dos deuses Iorubás.

(PRANDI, 2005, p. 82-83)



Figura 49 - Exu

muito desconhecimento a respeito de sua figura e como já mencionado, fora sincretizada com a figura demoníaca do diabo.

Conforme Prandi (2005) os primeiros estudiosos que tiveram contato com a figura de Exu ainda na África atribuíram a está divindade duas identidades opostas, uma associada ao deus fálico Greco-romano Priapo, devido aos altares, símbolos e representações materiais, a outra esta ligada ao diabo dos judeus cristãos devido as qualidades morais narradas pela mitologia a qual o mostra como um Orixá que contraria as regras. Os viajantes que estiveram no território lorubá entre os séculos XVIII e XIX, normalmente cristãos e quando não cristão descreveram Exu a partir da visão ocidental enfatizando aspectos sexuais e demoníacos. Ainda conforme Prandi (2005) “Nunca mais Exu se livraria de impugnação dessa dupla pecha, condenado a ser o Orixá mais incompreendido e caluniado do panteão afro-brasileiro”, como bem lembrado por Bastide (1978, p. 175, Apud, PRANDI, 2005, p. 72) “ que, na década de 1950, se referiu a Exu como essa “divindade caluniada””.

Após séculos, alguns estudiosos ainda buscam a recuperação das características africanas de Exu, de acordo com Prandi (2005) Juana Elbein dos Santos praticamente a primeira pesquisadora brasileira a se deter ao resgate das características originais

de Exu, já que elas foram “amplamente encobertas pelas características que lhes foram impostas pelas reinterpretações católicas na formação do modelo sincrético que gabaritou a religião dos orixás no Brasil.” (SANTOS, 1976, p. 130, Apud, PRANDI, 2005, p. 72)

	COR	COMIDA	BEBIDA	ANIMAL
Cruzeiro	Vermelho e preto; Preto	Milho torrado, sete batatas, farofa de farinha de mandioca torrada com dendê	Cachaça, licores	Galos vermelhos ou pretos, pomba, bodes escuros
Cemitério	Vermelho e preto; Preto			
Praia	Preto; Vermelho e preto			
Mata	Preto			

Tabela 31 - Elementos de Exu
(ORO, 2002, p.381-384). (tabela adaptada pela autora)

Exu vai perdendo, dentro do mundo afro-brasileiro, a condição de diabo que a visão maniqueísta do catolicismo a respeito do bem e do mal a ele impingiu, uma vez que foi exatamente a cristianização dos orixás que transformou oxalá em Jesus Cristo, Iemanjá em nossa senhora, outros orixás em santos, e exu no diabo.

(PRANDI, 2005, p. 99)

Entretanto, não se pode negar a associação do Exu da Linha Cruzada com antepassados marginais (bandidos, malandros, foras da lei), conforme explica Leistner,

Ao contrário da Pombagira, divindade mais restrita ao universo da Quimbanda, deve-se considerar a presença de Exu em outros sistemas religiosos afro-brasileiros, especialmente os de cunho mais africanizado, conforme será retomado adiante. Nesses casos, trata-se de sua versão africana, inserida junto aos outros Orixás dos panteões de origem Jeje-Nagô, com os quais Exu compõe uma totalidade cosmológica. Ao contrário do Exu quimbandeiro, espírito associado aos antepassados marginais, o Exu Orixá designa uma divindade mítica relacionada à mediação entre os universos sagrado e profano.

(LEISTNER, 2014, p. 15)

Enfim, arriscamo-nos a dizer que a figura de Exu, vai adaptar-se de acordo com a casa em que estiver sendo cultuado, com o médium e o Pai ou Mãe de santo que estará “formando” a entidade.

POMBAGIRAS

Ao falarmos das Pombagiras adentramos também no imaginário da cultura popular, onde deixasse de estar somente no âmbito religioso “podendo ser percebido nas telenovelas, no cancioneiro popular e nas conversas cotidianas efetuadas entre indivíduos pertencentes aos mais diversificados estratos sociais” (LEISTNER, 2014, p.14). Para iniciarmos a “apresentação” de tais entidades selecionamos o relato de um pesquisador já citado aqui, Leistner,

“Bem-vindo à casa de Maria Padilha, seu moço”. Essa era uma frase de recepção, as boas-vindas que recebi ao chegar a uma sessão de Quimbanda - vertente das religiões afrobrasileiras na qual se cultuam categorias de entidades espirituais específicas, Exus e Pombagiras - em uma de minhas primeiras incursões etnográficas realizadas nos terreiros afro-religiosos do Rio Grande do Sul. O enunciado receptivo era entoado por uma voz estridente, com tom de embriaguez, vinda de um mulato alto, de cabelos compridos e longas unhas vermelhas, envolvido num vestido negro de um cetim qualquer. Em seu rosto, parcialmente encoberto pelo véu acoplado ao chapéu suntuoso, revelava-se um malicioso sorriso. Tratava-se de um médium, veículo corporal de um espírito cuja identidade correspondia à divindade líder das práticas quimbandeiras executadas naquele terreiro: Pombagira Maria Padilha das Almas, minha anfitriã. Ao oferecer-me um drinque, o champanhe servido numa sofisticada taça de cristal reiterava o convite para que eu adentrasse o templo e participasse da festividade religiosa: “bebe comigo, que hoje é dia de festa no cabaré!”

(LEISTNER, 2014, p. 08)

Em seu trabalho Leistner (2014) explica o motivo da festividade, o qual tratava-se do “banquete ritual”, ritual onde são imolados animais a Exus e Pombagiras os quais são ritualmente alimentados estabelecendo e fortalecendo os laços místicos entre entidade e médium. Neste relato podemos perceber inúmeras características das Giras e sua apreciação por champanhe. Na tabela 32 apresentamos os elementos das pombagiras.

As mulheres míticas chamadas de Pombagiras ou como são carinhosamente chamadas “Giras”, essas entidades representam toda a feminilidade da mulher, sua graciosidade tendo também desfrutado da vida terrena, são a elas que recorrem às mulheres em busca de consolo para seus desamores, é bastante comum escutarmos que as Giras são,

	COR	COMIDA	BEBIDA	ANIMAL
Cruzeiro	Vermelho e preto; Preto	Pipoca, Sete batatas assadas	Champagne, licores	Galinhas vermelhas ou pretas, pombas, cabras pretas, marrons
Cemitério	Vermelho e preto; Preto			
Praia	Preto; Vermelho e preto			
Mata	Preto			

Tabela 32 - Elementos de Pombagira
(ORO, 2002, p.381-384). (tabela adaptada pela autora)

Prostitutas, cortesãs, companheiras bandidas dos bandidos amantes, alcoviteiras e cafetinas, jogadoras de cassinos e artistas de cabaré, atrizes de vida fácil, mulheres dissolutas, criaturas sem família e sem honra.

(PRANDI, 1996). (PRANDI, 2005, p. 82)

Apesar de sua descrição como mulheres desregradas mitos caídos no conhecimento comum, às giras são mulheres que sofreram em suas vidas e agora buscam formas de ajudar as mulheres e a todos que buscam seus conselhos como última esperança. Elas como entidades de luz não aceitam a degradação da mulher, recriminam todo e qualquer desrespeito ao corpo, alma e espírito das suas semelhantes.



Figura 50 - Pombagira

A dualidade entre bem e mal, certo e errado persegue as condutas morais e religiosas desde tempos remotos, no imaginário popular acredita-se que a maldade do ser humano nasce das próprias mulheres, “o sexo feminino tem o estigma da perdição, que é marca bíblica, constitutiva da própria humanidade, desde Eva” (PRANDI, 2005, p. 82), Conforme Prandi,

O pecado da mulher é o pecado do sexo, da vida dissoluta, do desregramento, é o pecado original que fez o homem se perder, numa concepção que é muito ocidental, muito católica. Então Exu, foi também feito mulher, deu origem a pombagira, o lado sexualizado do pecado.

(PRANDI, 2005, p. 82)

Assim as entidades de Exus e das Pombagiras, são especificamente cultuadas dentro dos terreiros de Quimbanda – Linha Cruzada, não negando a existência de culto dentro dos terreiros de Umbanda. São entidades muito respeitadas que geralmente atuam em demandas mais pesadas. Poderíamos dizer que são a “linha de frente” na defesa de seus filhos.

REFERÊNCIAS

A – DISSERTAÇÕES E TESES

LEISTNER, Rodrigo Marques. **Os outsiders do além: um estudo sobre a Quimbanda e outras “feitiçarias” afrogaúchas**. 2014. 388 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

MACEDO, Livia Alves dos Santos. **Estradas sem fim: a linha do Oriente e o povo cigano na Umbanda**. 2014. 104 p. Monografia (Graduação) – Programa de Bacharelado em Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2014.

OLIVEIRA, Rachel de Souza da Costa. **Intolerância religiosa na escola: uma reflexão sobre estratégias de resistência à discriminação religiosa a partir de relatos de memórias de adeptos da Umbanda**. 2014. 114p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação do Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

PAIVA, Ilnete Porpino de. **A capoeira e os mestres**. 2007. 166 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

SILVA, Maria Helena Nunes da. **O Príncipe Custódio e a religião afro-gaúcha**. 1999. 226 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.

SILVEIRA, Hendrix Alessandro Anzorena. **Não somos filhos sem pais: história e teologia do Batuque no Rio Grande do Sul**. 2014. 136 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de PósGraduação em Teologia, Faculdade EST, São Leopoldo, 2014.

B - Livros

ALVES, Lindomar. **Orixás: Uma Obra Do Afro-Gaúcho**. Porto alegre: edição do autor, 2009.

CORREA, Norton Figueiredo. **O Batuque do Rio Grande do Sul: Antropologia de uma religião afro-rio-grandense**. 2. ed. São Luís: Editora Cultura e Arte, 2006.

COTRIM, Gilberto. **História global do Brasil e geral**. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

- KARDEC, Allan. **O que é espiritismo**. 38. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1997.
- KLOPPENBURG, Boaventura. **A Umbanda no Brasil**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1961.
- LAYTANO, Dante de. **A Igreja e os Orixás**. Vol. 29. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 1960.
- LOPES, Nei. **Dicionário Banto do Brasil**. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 1998.
- MAESTRI, Mario. **O escravismo no Brasil**. São Paulo: Atual, 1994.
- _____. **O escravo gaúcho: resistência e trabalho**. Porto Alegre: Editoria UFRGS, 1993.
- MOURA, Clóvis. **Dicionário da escravidão negra no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil contemporâneo**. 3. ed. São Paulo: Gaudi Editorial, 2012.
- NEGRÃO, Lísias. **Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo Umbandista em São Paulo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e sociedade**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. **Segredos guardados: Orixás na alma brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- RAMOS, Arthur. **Antropologia brasileira**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943.
- _____. **O negro brasileiro: etnografia religiosa**. São Paulo: Nacional, 1940.
- REHBEIN, Franziska C. **Candomblé e salvação: a salvação na religião nagô a luz da teologia Cristã**. São Paulo: Loyola, 1985.
- RODRIGUES, Raimundo Nina. **Os africanos no Brasil**. Vol. IX. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.

SANTOS, Erisvaldo Pereira dos Santos. **Formação de professores e religiões de matriz africanas: um diálogo necessário**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010. (Coleção Repensando África, volume 4).

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os nagôs e a morte**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SILVA, Vagner Gonçalves. **Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

VERGER, Pierre. **Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo de Benin e a Bahia de todos os santos, dos séculos XVII a XIX**. São Paulo: Corrupio, 1987.

C - Artigos

BROWN, Diana. **Uma história da Umbanda no Rio**. In.: NEGRÃO, Lísias Nogueira; CONCONE, Maria Helena Vilas Boas. (Orgs.). *Umbanda e política*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, p. 9-46, 1985.

_____. **Uma história da Umbanda no Rio**. In: *Umbanda e Política*. Cadernos do ISER, Rio de Janeiro, n. 18, p. 9-42, 1985.

FERREIRA FILHO, Aureliano Jose. **Resistir, ressignificar e recriar escravidão e a reinvenção da África no Brasil – séculos XVI e XVII**. Anais do I Simpósio Internacional: Política, Gestão e Educação e VI Simpósio de Educação do Triângulo Mineiro. Ituiutaba, s/p, Universidade Federal de Uberlândia, 2008.

LEISTNER, Rodrigo Marques. **A (re)construção da etnicidade nas religiões de matriz africana do Rio Grande do Sul**. *África e Africanidades*, Rio de Janeiro, v. 10, p. 1-16, 2010.

LEITE, Fábio. **Valores civilizatórios em sociedades negro-africanas**. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos USP*, São Paulo, v. 18-19, n. 1, p. 103-118, 1995-1996.

MAESTRI, Mario. **Pampa negro: quilombos no Rio Grande do Sul**. In.: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma, p. 332-379, 2012.

OLIVEIRA, José Henrique Motta de. **Entre a Macumba e o Espiritismo: uma análise do discurso dos intelectuais de Umbanda durante o Estado Novo**. *CAOS*, n. 14, p. 60-85, set. 2009.

ORO, Ari Pedro. **As religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul**. Debates do NER, Porto Alegre, ano 9, n. 13, p. 9-23, jan./jun. 2008.

_____. **O atual campo Afro-Religioso Gaúcho**. Civitas, Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 556-565, set./dez. 2012.

_____. **Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: passado e presente**. Estudos AfroAsiáticos, ano 24, n. 2, p. 345-384, 2002.

PESAVENTOS, Sandra Jatahy. **Certa revolução farroupilha**. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Orgs.). O Brasil Imperial. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 233-267, 2011.

PRANDI, Reginaldo. **As religiões afro-brasileiras e seus seguidores**. Civitas, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 15-33, jun. 2003.

_____. **De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião**. Revista USP, São Paulo, n. 46, p. 52-65, jun./ago. 2000.

D - Disponíveis na Internet

AFROBRAS – FEDERAÇÃO DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS. **Orixás**. Disponível em: <<http://www.afrobras.org/orixas.html>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

BATUQUE DOS ORIXÁS. **Blog sobre Religião Afro e Umbanda**. Disponível em: <<http://batuquedosorixas.blogspot.com.br/2012/03/orixas-da-fatura-e-dos-excessos.html>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

BORGES, Wagner. Chacras: os centros energéticos e seus Bijas-Mantras. **Instituto de Pesquisas Projeciológicas e Bioenergéticas, 2015**. Disponível em: <<http://www.ippb.org.br/bioenergia/chacras-definicao>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

_____. **Presidência da República**. Lei nº 2.040, 28 de setembro de 1871. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM2040.htm>. Acesso em: 17 ago. 2017.

_____. **Presidência da República**. Lei nº 3.270, de 30 de setembro de 1957. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L3270.htm>. Acesso em: 02 jun. 2016.

_____. **Presidência da República.** Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM3353.htm>. Acesso em: 17 ago. 2017.

_____. **Presidência da República.** Lei nº 581, de 04 de setembro de 1850. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM581.htm>. Acesso em: 17 ago. 2017.

CASA DE OXALÁ. **Mito de Exu.** Disponível em: <http://www.casadeoxala.eti.br/exu_re.s.htm>. Acesso em: 08 dez. 2017.

CENTRO ESPÍRITA URUBATAN. **Sete linhas da Umbanda.** Disponível em: <<http://www.centroespiritaurubatan.com.br/estudos/sete-linhas-de-umbanda.html>>. Acesso em: 25 set. 2017.

CENTRO PAI JOÃO DE ANGOLA. **Caboclos na Umbanda.** Disponível em: <<http://www.centropaijoaodeangola.com/caboclos-na-umbanda.php>>. Acesso em: 25 set. 2017.

DIEGO DE OXOSSI. **Quimbanda: magia de Exu e Pombagira.** Disponível em: <<http://www.diegodeoxossi.com.br/quimbanda-exu-pombagira>>. Acesso em: 19 set. 2017.

ESTUDO DA UMBANDA. **As linhas vibracionais da Umbanda.** 2009. Disponível em: <<https://estudodaumbanda.wordpress.com/2009/02/27/7-as-linhas-vibracionais-daumbanda/>>. Acesso em: 25 set. 2017.

_____. **A magia dos Pretos velhos.** 2012. Disponível em: <<https://estudodaumbanda.wordpress.com/2012/05/12/a-magia-dos-pretos-velhos/>>. Acesso em: 25 set. 2017.

FAUERS – FEDERAÇÃO AFRO UMBANDISTA E ESPIRITUALISTA DO RIO GRANDE DO SUL. **Site institucional.** 2017. Disponível em: <<http://fauers.com.br/>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

FBU – FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE UMBANDA. **Site institucional.** 2018. Disponível em: <<http://www.fbu.com.br/fbu/>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Borges de Medeiros.** Ebiografia, 10 mai. 2016. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/borges_de_medeiros/>. Acesso em: 08 nov. 2017.

GIpsy RED ROSE. **Pontos cantados de Exu: Destranca Rua.** Cante um Ponto, 06 out. 2010. Disponível em: <<http://canteumponto.blogspot.com.br/2010/10/pontos-cantados-de-exudestranca-rua.html>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

HISTÓRIAS DA UMBANDA. **O mito da criação do mundo**. 2008. Disponível em: <<https://orixasdaumbanda.wordpress.com/2008/06/30/o-mito-da-criacao-do-mundo/>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

ILÊ DE XANGÔ. **Bará**. 2018. Disponível em: <http://www.iledexango.com.br/site/?page_id=190>. Acesso em: 24 nov. 2017.

_____. **Iansã**. 2018. Disponível em: <http://www.iledexango.com.br/site/?page_id=163>. Acesso em: 20 nov. 2017.

_____. **Ibejis**. 2018. Disponível em: <http://www.iledexango.com.br/site/?page_id=169>. Acesso em: 20 nov. 2017.

_____. **Iemanjá**. 2018. Disponível em: <http://www.iledexango.com.br/site/?page_id=173>. Acesso em: 20 nov. 2017.

_____. **Obá**. 2018. Disponível em: <http://www.iledexango.com.br/site/?page_id=167>. Acesso em: 20 nov. 2017.

_____. **Odé**. 2018. Disponível em: <http://www.iledexango.com.br/site/?page_id=166>. Acesso em: 20 nov. 2017.

_____. **Ogum**. 2018. Disponível em: <http://www.iledexango.com.br/site/?page_id=162>. Acesso em: 20 nov. 2017.

_____. **Ossanha**. 2018. Disponível em: <http://www.iledexango.com.br/site/?page_id=168>. Acesso em: 20 nov. 2017.

_____. **Oxalá**. 2018. Disponível em: <http://www.iledexango.com.br/site/?page_id=175>. Acesso em: 20 nov. 2017.

_____. **Oxum**. 2018. Disponível em: <http://www.iledexango.com.br/site/?page_id=172>. Acesso em: 20 nov. 2017.

_____. **Xangô**. 2018. Disponível em: <http://www.iledexango.com.br/site/?page_id=165>. Acesso em: 20 nov. 2017.

_____. **Xapanã**. 2018. Disponível em: <http://www.iledexango.com.br/site/?page_id=171>. Acesso em: 20 nov. 2017.

MAIÊ, Mo. **De onde eram os africanos escravizados que vieram para o Brasil?** Terreiro de Griôs, 27 mar. 2015. Disponível em: <http://terreirodegriots.blogspot.com.br/2014/10/de-ondevieram-os-africanos_6.html>. Acesso em: 24 nov. 2017.

MENEZ, Lila. **Reino de Exu na Quimbanda (Kimbanda)**. Orixás e entidades da Umbanda e do Candomblé, 25 nov. 2012. Disponível em: <<https://lilamenez.wordpress.com/2012/11/25/reino-de-exu-na-quimbanda-kimbanda/>>. Acesso em: 19 set. 2017.

PAI MANECO. Disponível em: <<http://www.paimaneco.org.br/>>. Acesso em: 25 set. 2017.

RAÍZES ESPIRITUAIS. **A importância dos Caboclos na Umbanda**. Disponível em: <<http://www.raizesespirituais.com.br/orixas/caboclos/>>. Acesso em: 25 set. 2017.

_____. **Preto velho: um espírito evoluído**. Disponível em: <<http://www.raizesespirituais.com.br/preto-velho-espirito-evoluído/>>. Acesso em: 25 set. 2017.

REI DO VUDU. **7 linhas da Quimbanda**. Disponível em: <<http://www.reidovudu.com/7%20Linhas%20da%20Quimbanda.html>>. Acesso em: 19 set. 2017.

SERIEIA DE ARUANDA. **Umbanda sagrada: Ibeji e Ibejada - As crianças na Umbanda**. Disponível em: <<http://sereiadearuanda.blogspot.com.br/2016/07/ibeji-e-ibejada-as-criancas-na-umbanda.html>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

UMBANDA DE CARIDADE. **Onibeijada**. 2011. Disponível em: <<http://umbandafecaridade.blogspot.com.br/2011/10/ibejis-na-umbanda.html>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

UMBANDA DE DEUS. **Linha de Preto velho**. Disponível em: <<https://umbandaedeus.blogspot.com.br/p/linha-dos-pretos-velhos.html>>. Acesso em: 25 set. 2017.

_____. **Linha dos Caboclos**. Disponível em: <<https://umbandaedeus.blogspot.com.br/p/linha-dos-caboclos.html?view=timeslide>>. Acesso em: 25 set. 2017

UMBANDA ESOTÉRICA. **Os caboclos e caboclas**. Disponível em: <http://www.umbandaesoterica.com.br/?page_id=587>. Acesso em: 25 set. 2017.

UMBANDA FILHOS DE FÉ. **As crianças Erês (Beijada)**. 2007. Disponível em: <<http://umbandafilhosdefe.blogspot.com/2007/08/as-crianas-ers-beijada.html>>. Acesso em: 19 set. 2017.

WE MYSTIC. **As características e lendas sobre a Pombagira Sete Saias**. 2018. Disponível em: <<http://www.wemystic.com.br/artigos/pomba-gira-sete-saias-caracteristicas-lendas/>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

E - Links Imagens

DEON, Franco. **O Rio Grande do Sul Afro**. Criação capa e contra capa. 2018.

NOVA ESCOLA. **África e Brasil: unidos pela história e pela cultura**. 2017. Disponível em: <<http://novaescola.org.br/arquivo/africa-brasil/>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

ASSECOM. **Feriado estadual de 25 de março lembra abolição da escravidão no Ceará**. Unilab, 24 mar. 2014. Disponível em: <<http://www.unilab.edu.br/noticias/2014/03/24/feriado-estadual-de-25-de-marco-lembra-abolicao-dos-escravos-no-ceara/>>. Acesso em: 08 dez 2017.

PROF. CLAUDIO GUIMARÃES. **Tráfico negroiro: principais rotas entre a África e a América Portuguesa**. [S.d.]. Disponível em: <<http://claudioguimaraes.com.br/imahistoria/Mapa%20%20Rota%20Comercio%20Escravo.jpg>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

GOOGLE. **Mapa da África**. 2018. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=mapas+da+%C3%A1frica&espv=2&biw=1280&bih=675&source=lnms&tbnm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiG9LTNudXNAhXIG5AKHZOOoDyAQ_AUIBigB#imgsrc=izY0_VtjHnH72M%3A>. Acesso em: 23 jul. 2017.

YTIMG. **Povos escravizados**. [S.d.]. Disponível em: <<https://i.ytimg.com/vi/VDUN4fZPeNc/maxresdefault.jpg>>. Acesso em: 08 dez 2017.

TERREIRO DE GRIÔS. **De onde eram os africanos escravizados que vieram para o Brasil?** 27 mar. 2015. Disponível em: <http://terreirodegriots.blogspot.com.br/2014/10/d-e-ondevieram-os-africanos_6.html>. Acesso em: 24 nov. 2017.

SILVA, Moises. **Choque Cultural na África**. Press Abroad: Viajando pelo mundo. 15 dez. 2014. Disponível em: <<http://www.pressabroad.com/choque-cultural/>>. Acesso em: 08 dez 2017.

SLIDESHARED. **Os reinos lorubás**. [S.d.]. Disponível em: <<https://image.slidesharecdn.com/2trimestre-fricamedieval-170803162351/95/frica-medieval-7-ano-2017-36-638.jpg?cb=1501777468>>. Acesso em 08 dez. 2017.

ANCIENT-ORIGINS. **Dança dos Órixas**. [S.d.]. Disponível em: <<http://www.ancient-origins.net/sites/default/files/field/image/Painting-of-Orixas-dancing.jpg>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

GIRON, Loraine Slomp. **Colonos e escravos: o trabalho os une**. História Daqui, 15 fev. 2012. Disponível em: <<http://historiadaqui.blogspot.com.br/2012/02/colonos-e-escravos-o-trabalhoos-une.html>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

BLOGSPOT. **Debret e a representação do cotidiano escravo.** [S.d.]. Disponível em: <http://1.bp.blogspot.com/_1tVm_jiHUWE/TALMGb1b8dI/AAAAAAAAANQ/cNXi7TRvQws/s1600/Debret1-1.jpg>. Acesso em: 08 dez. 2017.

BLOGSPOT. **Charqueadores.** [S.d.]. Disponível em: <<https://1.bp.blogspot.com/-LHQVsUOZBxk/TiXNjPlDQFI/AAAAAAAAADrk/6yLipWMjW08/s1600/piacharqueadores.jpg>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

API.NING. **Charqueadas Gaúchas.** [S.d.]. Disponível em: <http://api.ning.com/files/oA*r1VRsT3ymAjkXvyhoaXl70U8FPS-cVQMajWbwI0pV8B9yMO6WIGBijzWBrUxHdUhVH93Xemyk2aOaqFsPVOQKR3L3Q7bl/01.jpg>. Acesso em: 08 dez. 2017.

BLOGSPOT. **Príncipe Custódio.** [S.d.]. Disponível em: <<http://4.bp.blogspot.com/-eThBGWd5oh4/TxeFvJNmMHI/AAAAAAAAAu4/Mn5y7jXjUls/w1200-h630-p-k-no-nu/IMAGEM+PRINCIPE+CUSTODIO.jpg>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

PINIMG. **Batuque.** [S.d.]. Disponível em: <<https://i.pinimg.com/originals/ff/5a/b6/ff5ab6d7278601b9be5aad8cba66108b.jpg>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

GOOGLE. **Mapa do estado do Rio Grande do Sul.** 2018. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=e23550793e08987fdd8213b4e223d997&rlz=1C1NHXL_pt-BRBR714BR714&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=cIWPHibKfEWkFM%253A%252CUungTVvvoc5JhM%252C_&usg=__ld8fE4YTvG7GUU0Dlz_NsGXWukl%3D&sa=X&ved=0ahUKEwi8tNvo5_DXAhXEIJAKHZXkDtYQ9QEIkjAA&biw=1280&bih=620#imgdlii=OQOX0M7geiAbEM:&imgsrc=cIWPHibKfEWkFM:>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

BLOGSPOT. **Os Orixás.** [S.d.]. Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/-MABssUMaC/Cw/TqQUBM-fbbl/AAAAAAAAAH0/cgB_thKsIHY/s1600/IMAGEM%2BORIXAS%2BDAN%25C3%2587ANDO.jpg>. Acesso em: 08 dez. 2017.

BLOGSPOT. **Capoeira.** [S.d.]. Disponível em: <<http://2.bp.blogspot.com/-Ducnf-5OMUk/TbS8IY-O5RI/AAAAAAAAABKc/r40lxt2QV70/s400/capoeira%2Bbrazil.jpg>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

MUSEU CACHOEIRA. **Borges de Medeiros.** [S.d.]. Disponível em: <http://www.museucachoeira.com.br/img/municipio/rigp06_bm.jpg>. Acesso em: 08 dez. 2017.

BLOGSPOT. **Crianças.** [S.d.]. Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/-_0iahXHbmPk/VooFA27bD9I/AAAAAAAAAmeQ/dxy5TEuhzWM/s1600/UBUNTU.jpg>. Acesso em: 08 dez. 2017.

Cosmovisão africana. Organograma organizado com base em Silveira 2014.

BLOGSPOT. **Tambor de Batuque**. [S.d.]. Disponível em: <<http://2.bp.blogspot.com/-LS9-wlG8Efg/V5x38zVmLOI/AAAAAAAAADGA/unyc36bnFxU/s1600/ilu-tambor-batuque.jpg>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

BLOGSPOT. **Orixá Bará**. [S.d.]. Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/6_x7riEUSYQ/TulRbRcAOil/AAAAAAAAAEY/98CgiJ-9hgg/s1600/barajpg>. Acesso em: 19 set. 2017.

ARMAZÉM DA ENERGIA. **Orixá Ogum**. Dez. 2014. Disponível em: <<http://armazemdaenergia.com.br/wp-content/uploads/2014/12/ogumorixu00E1.jpg>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

ELO7. **Orixá Iansã**. [S.d.]. Disponível em: <<https://img.elo7.com.br/product/zoom/1012D25/af201-quadro-em-madeira-dmf-iansaumbanda.jpg>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

BLOGSPOT. **Orixá Xangô**. [S.d.]. Disponível em: <<http://3.bp.blogspot.com/mAALz7tFcNg/T5Is6gtKil/AAAAAAAAATE/gy2SP35rNLE/s1600/Dia+de+Xang%C3%B4+Orix%C3%A11.jpg>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

PINIMG. **Orixá Ibejis**. [S.d.]. Disponível em: <<https://i.pinimg.com/originals/df/db/e9/dfdb9e0e9629e858c13b150a951f31d.jpg>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

BLOGSPOT. **Orixá Obá**. [S.d.]. Disponível em: <<https://3.bp.blogspot.com/IWbXzrdGmXQ/WcNCiv1Fw3l/AAAAAAAAAVQ/inRBn2wcTZkzL9MoRG1FyvMpgz284LQXgCLcB/s1600/quadriculado.jpg>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

BLOGSPOT. **Orixá Odé/Otim**. [S.d.]. Disponível em: <http://1.bp.blogspot.com/kSrWVT1zHjw/UKV6aPdiPpl/AAAAAAAABBBk/2jGyyb1ZH28/s400/ode_otim%5B1%5D.gif>. Acesso em: 20 nov. 2017.

PINIMG. **Orixá Ossanha**. [S.d.]. Disponível em: <<https://i.pinimg.com/736x/9f/cd/36/9fcd36792d73eedc2bef76c53ea77440--yoruba-orishasyoruba-religion.jpg>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

TUMBLR. **Orixá Xapanã**. [S.d.]. Disponível em: <https://78.media.tumblr.com/a772b96dfdf423493f57aa672b52a710/tumblr_on55calhdA1t2y_rzno1_1280.jpg>. Acesso em: 20 nov. 2017.

BLOGSPOT. **Orixá Oxum**. [S.d.]. Disponível em: <http://3.bp.blogspot.com/FvTRUK059Lk/Unt1Dxlw5PI/AAAAAAAaZa/xmCPxEgQ_A/s1600/Oxum1.jpg>. Acesso em: 20 nov. 2017.

BLOGSPOT. **Orixá Iemanjá**. [S.d.]. Disponível em: <<http://3.bp.blogspot.com/-xuJhZsJj8U4/UsHylmTHJI/AAAAAAAAAbyA/NFr1Vd2coik/s1600/Iemanja%C3%A1++Umbanda+Astrol%C3%B3gica,+ax%C3%A9.jpg>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

WP. **Oxalá Orixá**. Ago. 2015. Disponível em: <<https://i1.wp.com/perdido.co/wp-content/uploads/2015/08/oxala23-673x10241.jpg>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

PINIMG. **Gira de Umbanda**. [S.d.]. Disponível em: <<https://i.pinimg.com/736x/7c/d6/cb/7cd6cb721b375f60472b2e80cd708764--american-art-angola.jpg>>. Acesso em: 08 dez 2017.

SALVE UMBANDA. **Bandeira da Umbanda**. [S.d.]. Disponível em: <https://salveumbanda.files.wordpress.com/2016/06/408089_464475580257149_451718363_n2.jpg>. Acesso em: 08 dez 2017.

PAI RAFAEL DE OXALÁ. **Linhas da Umbanda**. Jan. 2017. Disponível em: <<https://www.pairafaeldeoxala.com.br/wp-content/uploads/2017/01/Umbanda-todos-aslinhas-desenho.jpg>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

CEU ESTRELA GUIA. **Umbanda**. [S.d.]. Disponível em: <<http://ceuestrelaguia.org.br/wp-content/uploads/2015/06/umbanda-inicio.jpg>>. Acesso em: 08 dez 2017.

PINIMG. **Pretos e Pretas velhas**. [S.d.]. Disponível em: <<https://i.pinimg.com/736x/43/fd/de/43fdde86eddecaed629d84d91959a34a--interior-people.jpg>>. Acesso em: 08 dez 2017.

PINIMG. **caboclo**. [S.d.]. Disponível em: <<https://i.pinimg.com/originals/9e/66/07/9e6607fa10c7218044e479a5f9b5eb3b.jpg>>. Acesso em: 08 dez 2017.

BLOGSPOT. **Preto e preta velha**. [S.d.]. Disponível em: <<http://2.bp.blogspot.com/-mqe891unLL0/VLCIcjKztul/AAAAAAAAAFw/6GWzSTjktQ4/s1600/culto%2Bpretos%2BVelhos.jpg>>. Acesso em: 08 dez 2017.

PINIMG. **Preto velho**. [S.d.]. Disponível em: <<https://i.pinimg.com/736x/7c/d6/cb/7cd6cb721b375f60472b2e80cd708764--american-artangola.jpg>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

GOOGLE. **Caboclo Tupinambá**. [S.d.]. Disponível em: <http://lh3.googleusercontent.com/3JfVdXFakH8/VsHakYPGlqI/AAAAAAAAAMo/Vb9ndfRCa80/s640/edited_1454337413162.jpg>. Acesso em: 08 dez. 2017.

PINIMG. **Cabocla Jurema**. [S.d.]. Disponível em: <<https://i.pinimg.com/736x/1b/00/35/1b00355f57406f51022be8be3bf597d7.jpg>>. Acesso em: 08 dez 2017.

BLOGSPOT. **Caboclo velho**. [S.d.]. Disponível em: <https://2.bp.blogspot.com/-Xxk_R7V--Rw/VgeOlwvQ1aI/AAAAAAAAAXl/lhhxG5THNag/s1600/indio%2B2.jpg>. Acesso em: 08 dez 2017.

IQUILIBRIO. **Ibejis**. Fev. 2017. Disponível em: <<https://www.iquilibrio.com/blog/wp-content/uploads/2017/02/ibejis.jpg>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

IMPERIO DE QUIMBANDA. **Maria Padilha**. [S.d.]. Disponível em: <http://imperiodequimbanda.com.br/images/postagens/rainha-maria-padilha//rainha-maria-padilha_0.jpg>. Acesso em: 08 dez 2017.

PINIMG. **Exu e Gira**. [S.d.]. Disponível em: <<https://i.pinimg.com/originals/87/5a/9b/875a9b86491ec01df647f0f595636027.jpg>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

PINIMG. **Exu**. [S.d.]. Disponível em: <<https://i.pinimg.com/736x/65/8a/3f/658a3f9f36f62e50c60d46da166a1312--black-artafro.jpg>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

CULTURA MIX. **O que é a Pombagira**. 2017. Disponível em: <<http://cultura.culturamix.com/blog/wp-content/gallery/o-que-e-a-pombagira3/o-que-e-apombagira-9.jpg>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

